

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

CARLOS EDUARDO MORAES

**A EUCARISTIA E A VIDA DA IGREJA
A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II**

SÃO PAULO

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Carlos Eduardo Moraes

A EUCARISTIA E A VIDA DA IGREJA

“E todos repartiam o pão e não havia necessitados entre eles” (Atos dos Apóstolos, 4, 32ss)

Trabalho de pesquisa, investigação e proposição de conclusões apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial de avaliação final da disciplina de Teologia, sob a orientação do docente Prof. Ms. Pe. Felipe Cosme Damiano Sobrinho.

São Paulo

2023

OS CRISTÃOS TINHAM TUDO EM COMUM (Oferendas 1975)

Campanha da Fraternidade
Comp. Dom Carlos Alberto Navarro, Waldeci Farias

Os cristãos tinham tudo em comum,
Dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um,
Se repartam com amor no dia a dia!

1. Deus criou este mundo para todos,
Quem tem mais é chamado a repartir
Com os outros o pão, a instrução,
E o progresso, fazer o irmão sorrir.
Os cristãos tinham tudo em comum,
Dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um,
Se repartam com amor no dia a dia!

2. Mas, acima de alguém que tem riquezas,
S'tá o homem que cresce em seu valor,
E, liberto, caminha para Deus,
Repartindo com todos o amor.
Os cristãos tinham tudo em comum,
Dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um,
Se repartam com amor no dia a dia!

3. No desejo de sempre repartirmos
Nossos bens, elevemos nossa voz.
Ao trazer pão e vinho para o altar,
Em que Deus vai se dar a todos nós.
Os cristãos tinham tudo em comum,
Dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um,
Se repartam com amor no dia a dia!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	—	<i>Ad Gentes</i>
CDC	—	Código de Direito Canônico
CDSI	—	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIC	—	Catecismo da Igreja Católica
Conc.	—	Concílio
DS	—	Denzinger-Schönmetzer
DV	—	<i>Dei Verbum</i>
EG	—	<i>Evangelii Gaudium</i>
GS	—	<i>Gaudium et spes</i>
LG	—	<i>Lumen Gentium</i>
PO	—	<i>Presbyterorum ordinis.</i>
MD	—	<i>Mediator Dei</i>
RM	—	<i>Redemptoris Mater</i>
SC	—	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
ST	—	Suma Teológica
UR	—	<i>Unitatis Redintegratio</i>
VS	—	<i>Veritatis Splendor</i>

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Capítulo 1 – O Concílio Vaticano II: Perspectiva Histórica.....	08
1.1 O anúncio do Concílio.....	09
1.2 Evento conciliar e suas sessões.....	15
1.3 A compreensão dos Sacramentos no Concílio.....	18
Capítulo 2 – A Eucaristia nos textos do Vaticano II.....	23
2.1 A influência da Patrística.....	23
2.2 A relação entre Eucaristia e Igreja no Concílio.....	28
2.3 A celebração eucarística a partir da reforma litúrgica.....	32
Capítulo 3 – A Eucaristia como Sacramento, Celebração e compromisso.....	36
3.1 A mensagem de Francisco: <i>Traditionis Custodes e Desiderio Desideravi</i>	38
3.2 A Eucaristia e o compromisso social.....	41
3.3 Uma concepção missionária a partir da fé eucarística.....	45
Conclusão.....	49
Bibliografia.....	51

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar como a Igreja tem tratado do mistério da Eucaristia como fonte de vida para a fé cristã-católica e sua presença e importância na vida da comunidade, a partir das reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Busca, ainda, apontar a força da Eucaristia na sustentação da fé e da comunhão da Igreja com Jesus Cristo que nos anima ao Seu seguimento através da missão e do compromisso social com os que padecem necessidades. Fica a pergunta: a Eucaristia, “fonte e ápice da vida cristã”¹ dois milênios após sua instituição por Jesus na “ceia eucarística” (Lc 22,19), continua sendo força para a perseverança e a ação de uma Igreja missionária?

O trabalho se inicia com o contexto histórico à época do anúncio do Concílio Vaticano II, em 1959, com uma palavra “mestra”: *aggiornamento* (atualização / renovação). Discorreremos como este concílio levou a Igreja a um diálogo com os novos tempos e a nova realidade, sem, entretanto, promover uma ruptura com os princípios e valores da Tradição até então guardados no *Depositum Fides*, passando pela compreensão dos sacramentos nos documentos conciliares e uma forte visita às fontes patrísticas sobre a eucaristia, passando pela reforma litúrgica promovida pelo concílio o qual repropõe o verdadeiro sentido da liturgia para a comunidade cristã na busca do seu compromisso com o Evangelho de anunciado e vivido por Jesus Cristo. Por exemplo, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* – sobre a Sagrada Liturgia, resgata a centralidade do mistério pascal, recuperando a centralidade do altar no espaço da celebração (3.1); a consciência da Liturgia da Palavra e da Liturgia Eucarística, como um só culto (3.5); a mistagogia, como metodologia mais apropriada na iniciação à vida eucarística (3.7); o caráter comunitário, ministerial e participativo da celebração eucarística. “Que os fiéis não estejam presentes como estranhos ou mudos [...] aprendam a fazer justamente o oferecimento de si mesmos. E assim, através de Cristo Mediador, se aperfeiçoem dia a dia na unidade com Deus entre si, até que Deus seja tudo em todos”², até os dias atuais.

¹ cf. LG n. 11.

² cf. SC n. 14.

A pesquisa busca, ainda, identificar, como a Igreja vem motivando, através de seus documentos e orientações, o cuidado para com o outro, afim de que não haja entre nós ninguém que continue a passar por necessidades básicas em sua existência, a exemplo das primeiras comunidades cristãs³, também reproduzida no refrão do Hino da Campanha da Fraternidade de 1975 - Os Cristãos tinham tudo em comum:

Os cristãos tinham tudo em comum,
Dividiam seus bens com alegria.
Deus espera que os dons de cada um,
Se repartam com amor no dia a dia!

A motivação para esta pesquisa estão as palavras da Oração Eucarística VI: “Na verdade, é bendito o vosso Filho, presente no meio de nós quando nos reunimos por seu amor. Como outrora aos discípulos, ele nos revela as Escrituras e parte o pão para nós”⁴. A comunhão com o Senhor é necessariamente uma comunhão com o nosso irmão. O milagre da Eucaristia em nossas vidas está em nos transformar naquilo que comungamos: sinais vivos da presença real, “contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo”⁵.

³ cf. At 2; 4

⁴ Oração Eucarística IV. Deus conduz a sua Igreja pelo caminho da Salvação.

⁵ cf CIC n. 1374

Capítulo 1

O CONCÍLIO VATICANO II: PERSPECTIVA HISTÓRICA

A revalorização da íntima relação que existe entre a Eucaristia e a Igreja é uma das grandes heranças do Concílio Vaticano II. Seus documentos produziram apreciáveis frutos na vida da Igreja, como por exemplo: A *Dei Verbum* (*Palavra de Deus*), sobre a Divina Revelação, levou a uma renovação bíblica; a *Lumen Gentium* (*Luz dos Povos*) vem originando uma nova impostação da vida eclesial, como testemunha e servidora do Reino de Deus; é o povo de Deus, povo de batizados; povo de discípulos missionários, com dons e carismas diversos, a serviço do Evangelho; participação mais expressiva dos leigos na vida e na missão da Igreja.

Citamos, ainda, *Sacrosanctum Concilium*, com sua proposta de renovação litúrgica ajudou a participação do povo na celebração dos divinos mistérios, gerando mais frutos entre os fiéis, e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (*Alegria e Esperança*), que busca de uma nova relação da Igreja com o mundo, para ser presença profética e solidária nas alegrias e esperanças, nos sofrimentos e angústias dos homens e mulheres do nosso tempo.

As diversas encíclicas sociais publicadas no pós-Concílio trouxeram sempre a marca da *Gaudium et Spes*, como por exemplo: *Populorum Progressio* (*Sobre o Desenvolvimento dos Povos*), Paulo VI, 1967; *Octogesima Adveniens*, por ocasião do 80º aniversário da Encíclica "*Rerum Novarum*" (*Convocando à Ação*), Paulo VI, 1971; *Evangelii Nuntiandi* (*O Evangelho a anunciar*) - *Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo*, Paulo VI, 1975; *Redemptor Hominis* (*O Redentor da Humanidade*), João Paulo II, 1975; *Laborem Exercens* (*Sobre o Trabalho Humano*, no 90º aniversário da *Rerum Novarum*), João Paulo II, 1981 e *Evangelium Vitae* (*Evangelho da Vida*), João Paulo II, 1985.

Na América Latina, a recepção do Vaticano II aconteceu a partir dos diversos níveis eclesiais. Desde a liturgia até o ecumenismo, passando também pela eclesiologia, pelo laicato, pelo episcopado e pela formação do clero⁶. O episcopado latino-americano sonhava, inclusive, com um Vaticano III para propor temas que não

⁶ cf. BEOZZO, J.O *Pacto das catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 806

havia sido debatidos plenamente no Vaticano II⁷. Em Medellín⁸, pela primeira vez, o catolicismo tomou de maneira efetiva, consciência da gravíssima situação de injustiça social e com voz profética, criticou uma situação de violência institucionalizada. A constituição *Gaudium et Spes* (1965) e a encíclica do Papa Paulo VI, *Populorum Progressio* (1967) sobre o desenvolvimento de todo o homem e de todos os homens, proporcionaram os fundamentos teológicos e as orientações doutrinárias necessárias para orientar o compromisso assumido pelo catolicismo na América Latina⁹. Uma das comissões elaborou um texto-base composto de três tópicos: a) a realidade social, econômica, cultural e religiosa da América Latina; b) a Igreja em sua unidade visível na América Latina; c) a celebração do ministério litúrgico na América Latina¹⁰.

As Conferências pós conciliares do CELAM - Conferências do Conselho Episcopal latino-americano foram fortemente influenciadas pelo Concílio Vaticano II. São elas: Medellín - 1968 (Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Medellín, Colômbia); Puebla - 1979 (Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Puebla de los Angeles, México); Santo Domingo - 1992 (Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Santo Domingo, República Dominicana) e Aparecida – 2007 (V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, Aparecida, Brasil).

Para melhor compreensão do atual período, falaremos um pouco mais sobre o Concílio Vaticano II antes de abordar a Eucaristia e a Vida da Igreja a partir de então.

1.1. O anúncio do Concílio.

Para grande surpresa de muitos, em especial da Cúria Romana, em 25 de janeiro de 1959, após uma missa por intenção da unidade de todos os cristãos, celebrada na Basílica de São Paulo Extramuros, o Papa João XIII, apenas três meses após a sua eleição no conclave, o até então pouco conhecido do grande público, Cardeal Ângelo Roncalli, considerado idoso, 77 anos, não se tinha destacado pelos

⁷ cf. SOUZA, 1999, p. 224

⁸ Medellín - 1968 - Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Medellín, Colômbia.

⁹ SOUZA, 2018, p. 34

¹⁰ cf. REB, 1968, P. 432-461

cargos que havia ocupado, como por exemplo, núncio na Bulgária e na França, sua escolha dava a impressão de ser “apenas de transição”, após a morte do controverso Papa Pio XII, ocorrida em outubro de 1958, cujo papado de 19 anos (de 1939 a 1958), havia sido marcado pela centralidade do poder papal e pela estabilidade institucional e doutrinal, revela a intenção de dar início a uma ampla reforma da Igreja e anunciar a convocação de um novo concílio ecumênico.

O anúncio foi recebido com certa indiferença e perplexidade por parte da Cúria Romana. Esta entendia que um novo concílio só serviria para conclusão do Concílio Vaticano I (1869-1870) e que não chegou ao seu fim devido à guerra franco-prussiana e que mesmo não concluído plenamente, dera ao Sumo Pontífice, ainda que implicitamente, autoridade doutrinal para efetivar qualquer revisão eclesial e eclesiástica. Muitos consideraram que a aprovação solene das prerrogativas papais do primado e da infalibilidade, constante dos documentos do Concílio Vaticano I: *Dei Filius* (24.04.1870) Constituição Dogmática sobre a Fé Católica e *Pastor Aeternus* (18.07.1870) - sobre a Igreja de Cristo e a infalibilidade do Romano Pontífice, tinham sepultado para sempre o hábito de se realizar concílios, tornando obsoleta a hipótese de novas convocações.

A situação mundial e mesmo no interior da Igreja, respirava um ar desejoso de novidades. Pio XII via de forma positiva as reformas, mas sua atitude tendia para uma prudência exagerada. Tinha profunda intuição das radicais mudanças que se anunciavam no mundo e da necessidade, por parte da Igreja, de não perder o contato vital com essa realidade.

Sua preocupação cada vez maior para com uma Igreja envolvida num mundo de agitações e tensões revolucionárias explica, em parte, por que começou a concentrar o governo em suas mãos¹¹.

Retomando o dia 25 de janeiro de 1959, João XXIII amadurecera sozinho a decisão, limitando-se a comunicá-la, alguns dias antes, ao seu colaborador Cardeal Tardini, definindo-se, segundo suas próprias palavras, como inspirado: “flor de inesperada primavera”; “novo pentecostes”; “nova epifania”¹². Diferente da acolhida

¹¹ SOUZA, Ney, 2020 p. 356.

¹² cf. *Superno Dei Nutu*, de 05 de maio de 1959

dos cardeais, o anúncio da convocação do concílio, tanto no catolicismo como junto à outras Igrejas Cristãs e na própria opinião pública foi muito animadora.

Na ocasião, o jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, assim escreveu:

O Concílio ecumênico, segundo o pensamento do Santo Padre, não somente tende à edificação do povo cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade pela qual hoje em dia tantas almas anseiam em todos os pontos da terra.¹³

Alguns viram no concílio, a promessa de uma renovação esperada há muito tempo. Outros valorizaram a possibilidade de colocar no primeiro plano o problema da unidade dos cristãos; e outros ainda, a possibilidade de uma melhor relação da Igreja com a sociedade em termos de fraternidade, e não mais em oposição. Embora falando de proposta, João XXIII, não deixava dúvidas sobre a sua determinação de convocar o concílio, com o objetivo de renovação em todos os âmbitos cristãos, do mais próximo (o dos cardeais, aos quais o Papa pedia adesão e sugestões) ao mais remoto (dos não católicos, a quem o Papa renova o “apelo a seguir-nos amavelmente nessa busca de unidade e de graça”)¹⁴.

O Cardeal Montini, futuro papa Paulo VI, conhecedor profundo da cultura curial, observou que a surpresa pelo anúncio de novo concílio, adivinha também os que têm conhecimento da origem regular dos atos pontifícios, sempre planejados com especialistas dos órgãos da Cúria. Afirma que “enquanto nos é dado saber, este anúncio, resolução de imensa importância, tem sua origem na única e personalíssima vontade do Sumo Pontífice. Ninguém lhe foi conselheiro ou colaborador. Ninguém exerceu sobre ele pressão de qualquer espécie; e ninguém lhe prometeu quaisquer resultados” (Declaração à revista *Vita e Pensiero* de Milão, dezembro de 1960. (In Kloppenburg, 1962, 12, nota 6)¹⁵.

A convicção certa de que a realização do concílio era vontade de Deus acompanhou João XXIII até sua morte antes de ver concluído grande evento. À realização do concílio dedicou todas as suas energias vendo nele um dom de Deus para a Igreja e para o mundo. Falando aos dirigentes da Ação Católica em 09 de agosto de 1959, explica como surgiu a ideia do concílio e sua importância: “O Concílio Ecumênico, por sua vez, apresenta se como

¹³ OR, 26-27 de janeiro de 1959, p. 1 / *L'Osservatore Romano* – Jornal do Vaticano

¹⁴ SOUZA, Ney, 2019 p. 41.

¹⁵ Dicionário do Concílio Vaticano II – São Paulo: Paulus, 2015 p. 23

uma manifestação de excepcional e vastíssimo alcance, de catolicidade verdadeiramente mundial. O que está acontecendo confirma o que o Senhor assiste com sua santa Graça, o salutar projeto. A ideia do Concílio não amadureceu como fruto de prolongada consideração, senão qual flor espontânea de inesperada primavera”. E segue explicando a conveniência do evento para aqueles dias: “Pedro está sempre pronto a ter fé na sua missão, em vista das possibilidades novas, que os recursos, mesmo de ordem material, do progresso humano preparam para as vantagens de ordem espiritual”. E completa dizendo que “nos nossos dias, frequentes são as reuniões de políticos, diplomatas, cientistas, industriais, de homens pertencentes às várias categorias do comércio e das profissões. (...) Por que, então, não poderiam reunir-se aqueles que são concordes na exaltação do fato mais memorável da história humana, isto é, a vitória da civilização da luz em Cristo?”¹⁶

Entusiasmado com o anúncio e usando do carisma que lhe era natural, João XXIII, vai traçando os rumos e o formato do novo concílio. Em 17 de maio, na festa de Pentecostes, nomeia comissão ante preparatória, composta por bispos e padres, com o objetivo de elaborar material de consulta aos bispos de todo o mundo e catalogar as propostas para o concílio. A sua primeira Encíclica, *Ad Petri Cathedram*, de 29 de junho de 1959, apresenta como objetivos gerais do concílio promover a verdade, a unidade e a paz,¹⁷ assim escreveu: “Conseguir o incremento da fé católica e a saudável renovação dos costumes no povo cristão e para a disciplina eclesiástica adaptar-se melhor aos nossos tempos”. Esta encíclica estabelecia, ainda, o local da realização do evento: A Basílica de São Pedro.

No Pentecostes de 1960, a 5 de junho, lança outros dois documentos sobre o futuro do concílio. O primeiro instituiu as comissões pré-conciliares, *Motu Proprio Supremo Dei Nutu* e o segundo, onde são explícitas as fases e metas do evento conciliar, concluindo a fase preparatória: *Alocução* feita na Basílica de São Pedro.

A palavra “*aggiornamento*” acabou caracterizando a proposta de João XXIII. Foi usada pela primeira vez ao anunciar o concílio, em 25 de janeiro de 1959, perante um grupo de cardeais.

“*Aggiornamento*” (atualização), palavra mestra:
 Descrição, terminológica: Significa, em italiano, atualização. Tem três sentidos básicos: pôr em dia ou manter em dia; modernização, adequação a exigências ou critérios novos; adiamento. Usado por João XXIII para indicar o escopo do Vaticano II. O termo *aggiornamento* passou a ser usado em âmbito eclesial, sem tradução. Não aparece como tal nos textos do Vaticano

¹⁶ idem

¹⁷ *Ad. Petri Cathedram*, n. 1 e 2

II senão sob expressões latinas equivalentes, como “*acommodatio*”, “*renovatio*”, “*adaptativo*” e análogas.¹⁸

Desde então, a ideia de “*aggiornamento*” estará presente no projeto do concílio concebido por João XXIII, tornando-se, ao lado da “pastoralidade” uma de suas descrições mais eficazes.

“O *aggiornamento* para adequar a Igreja aos tempos atuais não deveria significar a mera adaptação a relações mutáveis, mas sim abertura ao mundo moderno. O *aggiornamento* da Igreja, que era o objetivo do Concílio, não se verificou através da ruptura com a tradição, nem com a adaptação a um ambiente transformado; deu-se sobretudo de um *aggiornamento* que entrelaçou as tradições mais antigas, em parte esquecidas, com o tempo presente”¹⁹.

Do anúncio em 1959 até a abertura em 1962, evoluiu a compreensão do projeto conciliar e suas características essenciais: ao mesmo tempo pastoral e espiritual como uma novidade na história conciliar, a imagem escatológica de um “Novo Pentecostes”, sob a orientação do Espírito. O futuro concílio deverá ele mesmo dar sua orientação”²⁰

A “*aggiornamento*” implica numa relação nova do Concílio com a Tradição e com as Escrituras e uma reinterpretação do mistério cristão, exigidas pelas novas circunstâncias históricas. Para o papa, o concílio deve atuar na perspectiva da resposta cristã às instâncias de uma humanidade em processo de renovação profunda e global: “o espírito cristão, católico e apostólico de todo mundo espera um progresso (*un balzo innanzi*) na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo”²¹, um rejuvenescimento da vida cristã e da igreja.

Ainda sobre o termo “*aggiornamento*”, Paulo VI no dia 6 de setembro de 1963, em audiência na Semana de Atualização Pastoral, Roma, apresentou o sentido da palavra:

Procurando ler em vossas almas, afigura-se Nos descobrir em vós a espera de uma aprovação de uma confirmação, por Nossa parte, daquilo que, qual

¹⁸ Verbete *Aggiornamento* – In ALMEIDA, Antônio José de, Dicionário do Concílio Vaticano II – São Paulo: Paulus, 2015 p. 8

¹⁹ HOPING, Helmut, A Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje, org. Geraldo B. Hackmann e Miguel de Salis Amaral, Edições CNBB, 2015, p.99-100.

²⁰ cf. THEOBALD, 2007, p. 235.

²¹ cf. *Gaudet Mater Ecclesia*, VI, 5

oferenda rica de sentido, a vossa visita, vem apresentar diante de Nós. E primeiramente, vindes arvorando um termo tão expressivo como um estandarte, o qual define o vosso método de trabalho: “*aggiornamento*”, reajustamento, adaptação à época, palavra que teve a honra de ser adotada por nosso venerado e prateado predecessor, João XXIII, de feliz memória, e que por ele foi inscrita no programa do Concílio Ecumênico. Aplicada ao domínio eclesiástico, esta palavra indica a relação entre os valores eternos da verdade cristã e sua inserção na realidade dinâmica, hoje extremamente mutável da vida humana tal qual é, contínua e diversamente moldada na história presente, inquieta, conturbada e fecunda. Indica ela o aspecto relativo e experimental do ministério da salvação, o qual nada tem mais a peito do que é ser eficaz, e sabe o quanto a sua eficácia é condicionada pelo estado cultural, moral, social das almas, a que ele se dirige, e o quanto é oportuno para a boa cultura, mas especialmente para o desenvolvimento prático do apostolado, conhecer as experiências dos outros e fazer suas as que são boas: ‘Experimentai tudo e guardar o que é bom’ (1Ts 5,21), (...). Pode esta palavra soar como uma homenagem serviu à moda caprichosa e cambiante, ao existencialismo que não acredita nos valores objetivos transcendentes e só aspira a uma plenitude momentânea e subjetiva; mas de fato, ele confere sua verdadeira importância à sucessão rápida e inexorável dos fenômenos em meio aos quais se desenrola a nossa vida, e procura confirmar-se à célebre recomendação do Apóstolo: ‘aproveitai bem o tempo, pois os dias são maus’ (Ef 5,16)”²².

Dando início à fase preparatória, João XXIII cria as comissões e secretariados que deveriam se preocupar com a preparação imediata do Concílio, com o *Motu Proprio Superno Dei Nutu*²³, em 05 de junho de 1960. As comissões: Comissão Teológica, Comissão dos Bispos e governo das Dioceses; Comissão dos Religiosos; Comissão da disciplina dos Sacramentos; Comissão da Sagrada Liturgia; Comissão dos Estudos e dos Seminários; Comissão da Igreja Oriental; Comissão das missões e Comissão do apostolado e dos leigos. Quanto aos Secretariados: Meios de Comunicação Social, questões econômicas e diálogo com as comunidades e Igrejas cristãs separadas da comunhão católica romana. Houve ainda uma comissão Central presidida pelo papa. Esta fase preparatória encerrou-se em 20 de junho de 1962. O *Motu próprio Consilium diu* de 02 de fevereiro de 1962 já havia fixado a data de início de concílio para o dia 11 de outubro de 1962, festa de Maria, Mãe de Deus²⁴.

Os frutos que ardentemente desejamos desta celebração são sobretudo estes: que a Igreja, esposa de Cristo, revigore sempre mais as suas divinas energias e, na mais vasta medida, estenda a sua benéfica influência às almas dos homens. Deste modo, há motivo para esperar que, voltando mais confiadamente o olhar para Cristo, «*lumen ad revelationem gentium*», os povos — especialmente aqueles que com tanta dor vemos sofrer por motivo de desventuras, discórdias e lutosos conflitos — possam, finalmente,

²² In Kloppernburg, 1964.

²³ cf. ADA 1/1, Kloppernburg, 1962, 54-57

²⁴ Dicionário do Concílio Vaticano II – São Paulo: Paulus, 2015 p. 188

alcançar uma verdadeira paz, no respeito dos direitos e dos deveres recíprocos. Por isso, após madura deliberação, por *motu próprio* e em virtude da Nossa autoridade apostólica, estabelecemos e decretamos que o Concílio Ecuménico Vaticano II tenha início no dia 11 de outubro do corrente ano. Dado em Roma, em S. Pedro, no dia 2 de fevereiro, festa da Purificação da bem-aventurada Virgem Maria, do ano de 1962, quarto do Nosso Pontificado.²⁵

1.2. Evento conciliar e suas sessões.

A Sessão pública de abertura do Concílio Vaticano II aconteceu no dia 11 de outubro de 1962. Participaram 2.540 padres conciliares com direito a voto na sessão de abertura: um número nunca antes alcançado. Esse número sofrerá alterações para mais e para menos, dependendo do período conciliar²⁶.

O discurso de abertura (*Gaudet Mater Ecclesia* – Alegria-te a Santa Mãe Igreja), exerceu profunda influência na redação de todos os documentos conciliares e três pontos merecem destaques: no primeiro, o papa dirige-se aos profetas que anunciam apenas desgraças, vendo na sociedade contemporânea somente declínio e catástrofes, comportando-se como se não aprendessem nada da história. Em segundo, o ponto central do concílio. Não será somente uma discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos modernos, pois se supõe que isto já seja bem presente e familiar. Trata-se de uma renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da igreja. Em terceiro lugar, a Igreja sempre se opôs aos erros; muitas vezes, até condenando com maior severidade. A Igreja, porém, meio do concílio, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia com seus filhos, dela separados.²⁷

“O Concílio que agora começa, surge na Igreja como dia que promete a luz mais brilhante”. Estamos apenas na aurora: mas já o primeiro anúncio do dia que nasce de quanta suavidade não enche o nosso coração! Aqui tudo respira santidade, tudo leva a exultar! Contemplemos as estrelas, que aumentam com seu brilho a majestade deste templo; aquelas estrelas, segundo o testemunho do Apóstolo são João (Ap 1, 20) sois vós mesmos; e

²⁵ Carta Apostólica sob forma De Motu Proprio *Consilium* do Papa JOÃO XXIII, de 02 de fevereiro de 1962.

²⁶ cf. SOUZA, História da Igreja – Notas introdutórias – 2020, p.372.

²⁷ cf. idem, p.373.

convosco vemos brilhar aqueles candelabros dourados à volta do sepulcro do Príncipe dos Apóstolos, isto é, as igrejas a vós confiadas (Ap 1, 20) ²⁸

O Vaticano II é o vigésimo primeiro concílio considerado ecumênico pela Igreja Católica. Com os cinco continentes representados, sendo o mais universal de toda a história eclesial; sua celebração, de 11 de outubro de 1962 a 08 de dezembro de 1965, está dividida em quatro períodos, "em que muitos esquemas" preparados pelas comissões foram discutidos, rejeitados, modificados, e, por fim, aprovados e promulgados.

Nas sessões conciliares foram apresentados os esquemas sobre a liturgia, sobre as fontes da revelação, sobre os meios de comunicação e sobre as Igrejas orientais. O concílio encerrou esse período de trabalho numa situação de instabilidade e nenhum dos esquemas concluídos²⁹. João XXIII veio a falecer em 03 de junho desse ano. Ainda em junho, no dia 21, foi eleito papa o arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, que escolheu o nome de Paulo VI. No dia seguinte à sua eleição, o papa comunicou sua intenção de continuar o Concílio, estabelecendo a data de retomada dos trabalhos para o dia 29 de setembro do mesmo ano.

No discurso de abertura, "Paulo VI lembrou quatro os objetivos do concílio: a exposição da teologia da Igreja, a sua renovação interior, a promoção da unidade dos cristãos, e, enfim, diálogo com o mundo contemporâneo".³⁰ Nesse período foram trabalhados os esquemas sobre a Igreja, o ecumenismo e a reforma litúrgica, sendo a última aprovada como Constituição, chamada de *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia (SC). Também foi aprovado o Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social (IM).

A sessão abordou os esquemas que haviam sido reformulados, como o da Igreja, episcopado, ecumenismo, revelação, apostolado dos leigos e a Igreja no mundo contemporâneo. Ao final desse período, foram aprovados e promulgados os três documentos relativos à Igreja: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja (LG), o Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo (UR) e o Decreto

²⁸ João XXIII (1962). Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio, em 11/10/1962. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997. p. 29.

²⁹ ALBERIGO, Giuseppe. O Concílio Vaticano II (1962-1965). In . (Org.), op. cit., p. 405.

³⁰ Idem, p. 410.

Orientalium Ecclesiarum, sobre as Igrejas Católicas Orientais (OE) Entre esses, os estudiosos dizem que a *Lumen Gentium* se tornou o vértice e o centro das decisões conciliares³¹..

O período foi caracterizado por um intenso ritmo de trabalho, contou com cinco sessões públicas nas quais foram promulgados onze documentos. Foram promulgados os Decretos *Christus Dominus*, sobre o ofício pastoral dos bispos (CD); *Perfectae caritatis*, sobre a vida religiosa (PC); *Optatam totius*, sobre a formação sacerdotal (OT); e as Declarações *Gravissimum educationis*, sobre a educação cristã (GE) e *Nostra aetate*, sobre as relações com as religiões não cristãs (NA). Na terceira sessão (18/11), a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a divina revelação (DV) e o decreto *Apostolicam actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos (AA). Na quarta sessão (07/12), a Declaração *Dignitatis humanae*, sobre a liberdade religiosa (DH); os Decretos *Ad gentes*, sobre a atividade missionária (AG); e *Presbyterorum ordinis*, sobre a vida sacerdotal (PO), e, por fim, a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, sobre a Igreja no mundo contemporâneo (GS).

Na última sessão, ocorrida no dia 08 de dezembro de 1965, numa solene cerimônia eucarística, na Praça de São Pedro, com a leitura do breve *In Spiritu Sancto*, o Concílio Ecumênico Vaticano II foi encerrado³². Alberigo conclui:

O Vaticano II, porém, fiel à impostação “pastoral” recebida de João XXIII, não impunha à Igreja normas rígidas, comportamentos uniformes, nem previa sanções disciplinares. Ele exortava o catolicismo a se renovar num confronto sincero com o Evangelho, à luz da fé e sob o impulso dos sinais dos tempos; com o pós-concílio abria-se longo período da recepção por parte das Igrejas³³.

Para Dom Demétrio, uma das afirmações mais fecundas de todo o Concílio foi a identificação da Igreja como “Povo de Deus”. Ela foi consignada no segundo capítulo da *Lumen Gentium*, o documento central do Vaticano II. É uma visão que favorece o clima de participação na vida e na missão da Igreja, e ajuda em especial os leigos e leigas a se sentirem Igreja.³⁴

³¹ Cf. BEOZZO, José Oscar. Concílio Vaticano II. In: PASSOS, João Décio; Sanches, Wagner Lopes (Orgs.), op.cit., p. 196.

³² SOUZA, NEY (Org. – Vaticano II. 2019. p. 43-45.

³³ ALBERIGO, Giuseppe. O Concílio Vaticano II (1962-1965). In . (Org.), op. cit., p. 440.

³⁴ cf. Dom Demétrio Valentino, 2011, p. 59.

1.3. A compreensão dos sacramentos no Concílio

A teologia sacramentaria adquiriu novos contornos a partir das promulgações dos documentos conciliares do Concílio Vaticano II. Não apenas o Documento sobre a Sagrada Liturgia – *Sacrosanctum Concilium*, que é a carta magna na teologia, Espiritualidade e Pastoral da vida celebrativa da Igreja, mas também os demais documentos que renovam a identidade da Igreja, suas concepções, conceitos ministeriais e as suas relações com o mundo contemporâneo, com a sociedade, com as religiões e com as atividades missionárias³⁵.

Após tantos séculos de teologia escolástica, os padres conciliares de Trento³⁶ apresentam uma definição objetiva e acadêmica, afirmando que “cada sacramento é um sinal visível de uma graça invisível, instituído para nossa justificação” (XIII, cap. 3).

Pertence, ainda, ao patrimônio da fé cristã, a afirmação de Agostinho de Hipona repetindo que “sacramento é o sinal de uma coisa sagrada”³⁷, pois que os sacramentos são meios pelos quais se recebe gratuitamente a salvação e a justificação, como graças divinas ofertadas nas celebrações sacramentais.³⁸

O Concílio traz algumas atualizações para as características dos sacramentos, o qual tem por objetivo a plenitude da vida humana, seja natural e sobrenatural; unindo simbolicamente os elementos naturais e a presença trinitária. Estes sinais sacramentais são vistos como momentos essenciais da história de cada ser humano: nascer e consagrar-se a Deus no Batismo; crescer, atingir a consciência individual, assumida na Confirmação; alimentar-se da graça divina na Ceia Eucarística; retomar forças e sentir a presença; restaurar-se e novamente se consagrar a Deus pela graça do perdão penitencial. Consideram-se, ainda, a orientação espiritual por ministros que mediam a graça divina, pelos ministérios ordenados e, finalmente a conservação da vida e a proteção mútua no sacramento do Matrimônio. É Deus quem se faz presente na ação sacramental e oferta a graça por nossa santificação. A graça é ofertada, mas

³⁵ Dicionário do Concílio Vaticano II – São Paulo: Paulus, 2015 p. 852.

³⁶ O Concílio de Trento: realizado na Itália, entre 1545 e 1563, quando a Igreja se reuniu para reafirmar os dogmas de fé questionados pelos protestantes. Este Concílio marca a entrada da Igreja na Era Moderna.

³⁷ cf. Cidade de Deus X, 5.

³⁸ cf. Dicionário do Vaticano II, 2015, p. 853.

não imposta. É fundamental a participação do ser humano para a realização dos seus efeitos em nossa vida.

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, no número 59, nos diz que:

“Os sacramentos têm como finalidade a santificação da pessoa humana, a edificação do corpo de Cristo de Cristo e, em suma, prestar culto a Deus. Sendo sinais, têm também a função de instruir. Não apenas supõe a fé, mas também, através das palavras e ritos, alimentam, revigoram e exprimem a fé; Por essa razão, são chamados sacramentos da fé. Com certeza eles conferem a graça. Mas sua celebração tem ainda o poder de bem dispor os fiéis para receberem a graça de modo frutuoso, a fim de cultuar devidamente a Deus e praticar a Caridade. Portanto, é de suma importância que os fiéis compreendam melhor os sinais dos sacramentos e recebam o mais frequentemente possível aqueles sacramentos que foram instituídos para alimentar sua vida cristã”³⁹.

A celebração dos sacramentos também tem a função de cultivar a instrução do povo de Deus, espera-se que por eles os fiéis sejam inseridos mais profundamente nos mistérios cristãos, tanto do ponto de vista do conhecimento quanto na dimensão da espiritualidade. A fé é cultivada e é cultivada pelas ações sacramentais. É a virtude da fé que nos permite abrir o coração para acolher a graça divina que emana dos rituais e seus símbolos e palavras.⁴⁰

Sobre os sacramentos da fé, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) vai nos dizer:

A fé da Igreja é anterior à fé do fiel, que é convidado a aderir a ela. Quando a Igreja celebra os sacramentos, confessa a fé recebida dos apóstolos. Daí o adágio antigo: *lex orandi, lex credendi* (“a lei da oração é a lei da fé”) (ou então: *legem credendi, lex statuat supplicandiae* lei do que suplica estabeleça a lei do que crê, segundo Próspero de Aquitânia⁴¹ [século VI]). A lei da oração é a lei da fé, ou seja: a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração. A liturgia é um elemento constitutivo da santa e viva Tradição. E por isso que nenhum rito sacramental pode ser modificado ou manipulado ao arbítrio do ministro ou da comunidade. Nem mesmo a suprema autoridade da Igreja pode alterar a Liturgia ao seu arbítrio, mas somente na obediência da fé e no religioso respeito do Mistério da Liturgia. De resto, visto que os sacramentos exprimem e desenvolvem a comunhão de fé na Igreja, a *lex orandi* é um dos critérios essenciais do diálogo que busca restaurar a unidade dos cristãos⁴².

³⁹ cf. SC 59.

⁴⁰ cf. Dicionário Vaticano II, 2015.

⁴¹ *Indiculus*, c. 8:DS 246 (PL 51,209). Tradução: a lei do rezar determine a lei do crer.

⁴² Catecismo da Igreja Católica – n. 1124-1126

Assim, os fiéis são convidados a frequentarem os sacramentos, pois que eles foram instituídos para alimentar a vida cristã e torná-la mais fecunda; os sacramentos devem envolver a existência pessoal, congregar a comunidade e promover a transformação na sociedade humana.

Nesta direção, na revisão dos ritos sacramentais⁴³ houve a preocupação de promover o uso da língua vernácula na administração dos sacramentos, bem como dos sacramentais (cf. SC n. 36 e 63)

Considerando que a língua vernácula pode ser muito útil para o povo na administração dos Sacramentos e Sacramentais, seja-lhe dado maior espaço, de acordo com as seguintes normas: a) seguir as orientações do art. 36; b) as competentes autoridades eclesiais territoriais, das quais fala o art. 22, § 2, desta Constituição preparem, o quanto antes, de acordo com a nova edição do Ritual Romano, os Rituais particulares adaptados às necessidades de cada região, inclusive, o que diz respeito à língua. Uma vez aprovados pela Sé Apostólica, sejam usados nas regiões a que se destinam⁴⁴.

O Concílio se preocupa com a restauração do Catecumenato⁴⁵, como forma de resgatar a fecundidade sacramental, por meio da evangelização mais efetiva, maior consciência fiéis e maiores frutos.

O Vaticano II segue a Tradição da Igreja e a teologia instaurada e apresenta alguns aspectos fundamentais para que os sacramentos ocupem o centro da vida cristã e sejam vividos como fonte de santificação e louvor a Deus, como por exemplo o tripé: Deus – homem – comunidade eclesial, bem como a presença de Deus Trino: Deus que se revela na história como “três pessoas”, na criação, na redenção e na iluminação de toda existência. Deus é sempre imutável e absoluto. Deus se faz presente nos sacramentos, conforme sua própria revelação; em todos os sacramentos os cristãos entendem que o centro é o próprio Jesus Cristo, que está presente em Deus que oferta sua graça e nos fiéis que acolhem este dom gratuito. A partir do Concílio, a apreciação do Filho de Deus recuperou aspectos da “humanidade de Cristo, que são muito valiosos. Não se entende verdadeiramente a figura de Cristo nos sacramentos sem considerar sua divindade, como fonte de graça, sua

⁴³ cf. SC n. 62

⁴⁴ cf. SC n. 63

⁴⁵ cf. SC n. 64 e 66.

humanidade, como solidariedade com seu povo, que significa a graça do mistério de Cristo em nossa vida, mediada pelos rituais dos sacramentos, e a presença do Espírito Santo, evidenciada não apenas pela *Epiclese*⁴⁶, mas também nos cantos, gestos e preces. Tomou-se mais consciência da importância das orações “epicléticas” como elemento de validade sacramental e que sem a força do Espírito Santo, os sacramentos não despertam os fiéis para o acolhimento da Graça Divina.

O concílio também avalia que as práticas sacramentais devem levar em consideração algumas dimensões fundamentais, a saber: Dimensão antropológica, lembrando que as ciências humanas provocaram renovação na formação das pessoas, tais como as descobertas da psicologia e da sociologia e, sobretudo os avanços nas áreas de comunicação; Dimensão social. Assinalando que os rituais nasceram do encontro entre a revelação, propagada pelos apóstolos e as realidades sociais onde viviam os novos convertidos. É preciso que a realidade social de pobreza, baixa formação acadêmica e comportamentos sejam considerados para garantir o vínculo universal da Igreja e sua inserção nas realidades dos povos; Dimensão cultural: todas as celebrações exigem um contexto concreto, condicionado por seus elementos culturais, como formas de expressão, situações linguísticas, ambiente geográfico e histórico, ideais e mentalidades e percepção simbólica. É importante o discernimento entre o essencial e o cultural, os elementos mutáveis e imutáveis, as competências e as exigências de transformação; Dimensão Pastoral: No seguimento da Tradição, definições dogmáticas e suas fórmulas doutrinária; os textos aprovados, as orações ordenadas, bem como a matéria e a fórmula são essenciais e necessários para a eficácia sacramental no *ex-opere operato*⁴⁷.

Estas dimensões da prática sacramental da Igreja são preocupações efetivas do Vaticano II, sobre isso nos diz Dom Demétrio Valentini⁴⁸:

⁴⁶ Significação da Epiclese (CIC §s 1105, 1109 e 1353). A *epiclese* (“invocação sobre”) é a intercessão na qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito Santificador...

⁴⁷ CIC n. 1128 - Este é o sentido da afirmação da Igreja: os sacramentos atuam *ex opere operato* (literalmente: “pelo próprio fato de a ação ser realizada”), isto é, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. Daí segue-se que “o sacramento não é realizado pela justiça do homem que o confere ou o recebe, mas pelo poder de Deus”. A partir de momento em que um sacramento é celebrado em conformidade com a intenção da Igreja, o poder de Cristo e de seu Espírito agem nele e por ele, independentemente da santidade pessoal do ministro. Contudo, os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem os recebe.

⁴⁸ VALENTINI, Demétrio Dom – Revisitar o Concílio Vaticano II, Paulinas, 2011, p. 60.

A intuição de que a Igreja é o Povo de Deus levou a outra igualmente necessária e urgente que se cristalizou na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: a de que o lugar da Igreja é no coração do mundo, comprometida com os mais pobres na luta pela superação de tudo o que desfigura o rosto de Deus naqueles que passam fome, sofrem enfermidades e são injustiçados. A *Gaudium et Spes* proclama essa vocação do Povo de Deus a serviço do homem todo e a todos os homens e mulheres dizendo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias, as tristezas dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não ressoe no coração” (GS 1).

Em suma, para o Concílio Vaticano II, os Sacramentos são encontros privilegiados de graça e de liberdade, envolvendo a presença trinitária e o sujeito celebrante, mediados pela ação ministerial de toda Igreja; concretizando uma ação simbólica, com todo seu repertório litúrgico e a resposta da fé.⁴⁹

⁴⁹ cf. Dicionário do Concílio Vaticano II – 2015.

Capítulo 2

A EUCARISTIA NOS TEXTOS DO VATICANO II

O Concílio Vaticano II, embora não tenha publicado qualquer documento específico sobre o mistério eucarístico, ilustra os seus vários aspectos no conjunto dos documentos, especialmente na constituição dogmática sobre a Igreja a *Lumen gentium* e na constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum concilium*⁵⁰.

2.1. A influência da Patrística

Sempre que se fala em renovar a Igreja, procura-se a “volta às fontes”. Voltar às fontes implica buscar a “iluminação” nos primeiros séculos da Igreja, na formação das comunidades, no desenvolvimento da doutrina e da teologia, as experiências comunitárias e a elaboração dos rituais litúrgicos. Estes elementos do início do cristianismo encontram seu modelo fundamental na Patrística, compreendendo os primeiros séculos da vida cristã.

Patrística refere-se aos Padres da Igreja, isto é, àquelas pessoas que foram consideradas como tendo autoridade em matéria de doutrina na antiguidade cristã. Jesus reuniu um grupo de seguidores, aos quais incumbiu de proclamar o Evangelho. Estes, por sua vez, conquistaram adeptos que só conheceram Jesus indiretamente, isto é, através de seus primeiros discípulos. Na cadeia das gerações de cristãos, muitas vezes surgiram problemas de ordem doutrinária. Para debatê-las, tornou-se comum o recurso aos autores mais antigos, isto é, aos Padres da Igreja. Foi Vicente de Lérins, no século V, quem forneceu a definição clássica dos Padres da Igreja: “Se surgir qualquer questão nova, a respeito da qual não se tomou nenhuma decisão, importa sempre recorrer nesse caso às opiniões dos santos Padres, ao menos daqueles que, em seu tempo e lugar, se mantiveram na unidade da comunhão e da fé, e foram considerados mestres aprovados”⁵¹. A Patrística foi, portanto, um período privilegiado. Representa a época em que toda a organização básica da Igreja foi

⁵⁰ Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, João Paulo II, n. 9

⁵¹ BEINOIT, André - A Atualidade dos Pais da Igreja, 1966, p.13

estabelecida, tanto em aspectos institucionais quanto em aspectos doutrinários. A Igreja tem como fundamento aquilo que foi instituído na Patrística. Para alguns autores, ela se estende somente até o século VII; para outros, vai até o século VIII; para outros, ainda, só se encerrou no século XI, quando ocorreu o primeiro grande cisma da história da Igreja, com a divisão entre o oriente e o ocidente (1054) ⁵².

Quando os padres conciliares do Concílio Vaticano II anunciaram uma verdadeira volta às fontes, entendia-se que o caminho da fonte eram as comunidades primitivas. Na formulação da Tradição⁵³ da Igreja como a organização e elaboração da fé cristã e seus quatro tópicos fundamentais: a doutrina e seus dogmas, a eclesiologia e a estrutura eclesial, a ritualidade e as normas ético-morais.

Assim o Vaticano II, da mesma forma que as primeiras comunidades formularam a liturgia e a sua interpretação bíblica a partir do contexto cultural e social, propõe renovar a Igreja nestes parâmetros, resgatando a originalidade cristã como orientação para redescobrir os caminhos do cristianismo na sociedade contemporânea. Nos documentos conciliares são encontrados traços dos padres apostólicos e apologistas, bem como dos padres que contribuíram com a vida litúrgica, como Ambrósio de Milão e João Crisóstomo; com a vida eclesial, como Hipólito de Roma; com o pensamento filosófico e teológico, como Irineu de Lião e Orígenes; e com a antropologia cristã, como Agostinho de Hipona e tantos outros. A revelação bíblica encontra iluminação em Jerônimo, assim como para o sacerdócio e vida consagrada buscamos em Basílio de Cesareia e Bento de Nursia sua inspiração⁵⁴.

Nas décadas anteriores ao Concílio surgiram vários movimentos, como por exemplo os movimentos bíblicos, eclesial, laical, litúrgico e ecumênico, todos com inspiração nos padres antigos e nas práticas cristãs de seu tempo. Os estudos patrísticos passaram a ser valorizados e assumidos como conteúdo básico dessa

⁵² Segundo o Dicionário Brasileiro de Teologia / Fernando Bortolletto Filho (org.), São Paulo, ASTE, 2008.

⁵³ cf. DV, n. 9 - desta forma, a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura encontram-se em estreita conexão e comunicação entre si. Pois ambas manando da mesma fonte divina, como que se fundem e tendem para o mesmo fim. Assim, a Sagrada Escritura é como que as sentenças de Deus consignadas por escrito sob a inspiração do Espírito Santo; enquanto que a Sagrada Tradição é a Palavra de Deus confiada pelo Cristo Senhor e o Espírito Santo aos apóstolos e integralmente transmitida aos seus sucessores, a fim de que eles, iluminados pelo Espírito da Verdade, guardem, exponham e difundam fielmente a sua mensagem. Assim sendo, a Igreja haure a sua certeza sobre tudo o que é revelado não apenas da Sagrada Escritura. Por esta razão, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual reverência e espírito de piedade (Concílio de Trento. Decreto De *canonicis Scripturis*: DENZ. 783 (1501).

⁵⁴ cf. Dicionário do Concílio Vaticano II, 2015, p. 725

transformação. Estudos patrísticos foram a fundamentação das pesquisas nas áreas de Teologia e da vida pastoral e teceram novas perspectivas nos textos de grandes teólogos como Yves Congar, Karl Rahner, Chenu e R. Latourelle, a partir da chamada *Nouvelle Theologie*

A retomada do movimento patrístico é um dos marcos do contexto conciliar e deixou traços nas decisões e nos princípios dos vários temas eclesiais. Facilmente identificamos várias citações dos padres da Igreja nos documentos do Concílio. Nota-se grande proximidade com Basílio de Cesareia (330 – 379 d.C.), Cipriano de Cartago († - 258 d.C.), Ambrósio de Milão (340 – 397 d.C.), e João Crisóstomo (347 – 407 d.C.), no tocante à doutrina social da Igreja e o seu comprometimento histórico. A referência é histórica, mas não como arqueologia, e sim como inspiração para confrontar a adversidade de nossos tempos.

O modelo dos Padres da Igreja ajudou na recuperação histórica da relação bíblica com a doutrina, a espiritualidade e a vida eclesial uma vez que esses são herdeiros da tradição bíblica e sempre tinham os livros bíblicos como referência e fonte fundamental de suas reflexões do mistério divino revelado em Jesus Cristo. Um dos postulados dos padres da Igreja é a recuperação da Bíblia não apenas como livro de estudos, mas, sobretudo, um livro de meditação e apreço, para conhecer e viver a mensagem cristã. “É assim a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão contínua, até a consumação dos tempos”⁵⁵.

Seguindo a metodologia dos estudos bíblicos patrísticos, redescobre-se a tipologia bíblica, seguindo a teologia paulina, conforme vemos na *Dei Verbum* que tipos presentes no Antigo Testamento, sobretudo as figuras sagradas, são antevistas da plenificação da revelação, realizada em Jesus Cristo. De fato, “a economia do Antigo Testamento destina-se, sobretudo a preparar, a anunciar profeticamente (cf. Lc 24,44; Jo 5,39; 1Pd 1,10) e a simbolizar com várias figuras⁵⁶ o advento de Cristo, redentor universal, e o reino messiânico”⁵⁷.

⁵⁵ cf. DV n. 8.

⁵⁶ cf. 1Cor 10,11

⁵⁷ cf. DV n. 15.

Na teologia patrística não se entende Cristo em Igreja, nem a Igreja sem Cristo. A Igreja é vista como Povo de Deus, como caminho de salvação. Da mesma forma que os padres da Igreja serviam-se da filosofia e da hermenêutica para interpretar os textos sagrados, as ciências filosóficas e humanas, sempre em comunhão eclesial, continuam como etapas preparatórias na reflexão e pregação da fé cristã. Na mesma concepção da eclesiologia antiga, a partir do Vaticano II, a interpretação da revelação cristã é iluminada pela experiência pessoal e comunitária do mistério de Deus. Frangiotti afirma que a urgência do Concílio Vaticano II em atualizar a presença e identidade da Igreja, superar a postura apologética efetivar o diálogo ecumênico com o mundo contemporâneo, levou à volta às fontes patrísticas.⁵⁸

Nas décadas pós-conciliares, testemunhamos uma renovação dos compromissos da Igreja com a história, assim como da liturgia com a vida humana. Para tornar a Igreja sempre mais comunidade de fiéis, encontramos o compromisso com a organização eclesiástica, com a configuração dos ministérios e a participação laical para maior fecundidade da Igreja. Grande é a preocupação com integridade do corpo eclesial, com forte unidade e evidente pluralidade⁵⁹.

Crentes e não crentes são convidados por uma graça especial a integrarem-se na construção de um mundo solidário. Os crentes devem ter liberdade efetiva “que lhes permita edificar neste mundo também o templo de Deus. Quanto aos ateus, convida-os cortesmente a considerar com espírito aberto o Evangelho de Cristo”⁶⁰, e a “igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem; e remidos por Cristo, todos têm a mesma vocação e destino divinos”⁶¹. Assim, “o povo de Deus, movido pela fé com o que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa justamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus”⁶².

⁵⁸ cf. Frangiotti, 2009, p. 16.

⁵⁹ Dicionário do Concílio Vaticano II – 2015, p. 726,727.

⁶⁰ cf. GS 21

⁶¹ cf. GS 29

⁶² cf. GS 11.

A Constituição *Gaudium et Spes* nos recorda que desde os primeiros séculos da sua evolução, as forças vivas da Igreja aprenderam a “formular a mensagem de Cristo por meio dos conceitos e línguas dos diversos povos, e procurar ilustrá-la com o saber filosófico. Tudo isso com o fim de adaptar o Evangelho à capacidade de compreensão de todos e às exigências dos sábios”⁶³. Este princípio volta a ser, nas últimas décadas, a lei de toda a evangelização. Como os padres da Igreja, fizeram o seu tempo, com grande sabedoria, os pastores e teólogos, caminhando com o povo de Deus, tem como dever ouvir, discernir e interpretar as linguagens do mundo contemporâneo e julgá-las à luz da revelação cristã. Esta abertura da linguagem estende-se ainda à vida familiar, social e política, onde a Igreja é intimada a promover a sociedade humana. Assim, realiza a sua vocação de “sacramento universal de salvação”⁶⁴

Outro elemento de similitude eclesial patrística e pós-conciliar é efetivado na vida litúrgica. Desclericalização dos ritos, a valorização do “Povo de Deus”, o respeito às culturas e fenômenos religiosos e a simplicidade do repertório litúrgico, denotando-se maior equilíbrio entre as funções ministeriais, a presidência e a participação de toda assembleia. Não mais assistir ou divagar, mas integrar-se ao culto e vivificá-lo⁶⁵.

Inspirada nos padres antigos, como Cirilo de Jerusalém, nas suas catequeses⁶⁶ e Ambrósio de Milão, sobre os mistérios e os sacramentos⁶⁷, a liturgia do Vaticano II redescobre a grandeza da Palavra de Deus como fonte principal da espiritualidade das ações litúrgicas. Os padres da igreja inspiraram a igreja pós conciliar a redescobrir a autenticidade dos gestos e símbolos, superando a sua simples exterioridade dos ritos, para onde convergem a liturgia da palavra e a liturgia ritual para a plenitude sacramental⁶⁸.

Os documentos do Concílio Vaticano II aspiram à renovação da Igreja a partir de seus parâmetros fundamentais, à recuperação do rosto dos povos, ao diálogo com o mundo contemporâneo, à integração dos valores oriundos das novas conquistas das ciências humanas e a revalorização dos princípios de simplicidade, autenticidade

⁶³ cf. GS 44.

⁶⁴ cf. LG n. 15.

⁶⁵ cf. SC n. 14

⁶⁶ cf. Catequeses Mistagógicas, Col. Fontes da Catequese. Petrópolis: Vozes, 1987

⁶⁷ De sacramentis, 2,2,6: CSEL 73, 27 – 28 /PL 16,425-426

⁶⁸ cf. SC n. 37 e 38.

e solidariedade dos fiéis em comunidade, salvaguardando a unidade da comunidade cristã, por meio do encontro entre culturas, integrações de expressões linguísticas e inclusão de formas simbólicas, e a busca constante da unidade, sem excluir a pluralidade. Entretanto, mesmo diante das dificuldades, sem perder a identidade cristã e católica, bem como a segurança de seus próprios valores e princípios⁶⁹.

2.2. A relação entre Eucaristia e Igreja no Concílio

A partir do Concílio Vaticano II existiu uma redescoberta da Teologia da Eucaristia, do seu sentido mistagógico e por meio da formação dos leigos. Houve a preocupação em incentivar os batizados a participarem da Eucaristia⁷⁰, a valorizar o domingo como um momento privilegiado de participação da mesma⁷¹, e a importância de resgatar a unidade entre as duas mesas: da Palavra e da Eucaristia⁷².

Segundo a tradição Apostólica, que tem sua origem no próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério Pascal em todo o oitavo dia que, com justiça, é chamado de domingo ou dia do Senhor. Neste dia, os fiéis cristãos devem reunir-se a fim de ouvir a Palavra de Deus, participar da Eucaristia, fazer memória da Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e render graças a Deus, que “os fez nascer de novo para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo. Dentre os mortos” (1Pd 1,3). Por isso, o domingo é o primeiro dia de festa que deve ser proposto e fortemente implantado na piedade dos fiéis, de modo que se torne também um dia de alegria e de libertação do trabalho. As outras celebrações, exceto as de máxima importância, não se antepõem ao domingo, que é o fundamento e a estrutura mestra de todo o ano litúrgico⁷³.

O termo Eucaristia ocorre 40 vezes nos documentos do Concílio. Já o adjetivo “eucarístico” ocorre 17 vezes. O termo é utilizado como forma de melhor alimentar uma espiritualidade eucarística, como afirma São Tomás, vivenciar a Eucaristia como “plenitude da vida espiritual”⁷⁴. Plenitude esta que tem o seu fundamento na

⁶⁹ cf. Dicionário do Concílio Vaticano II – 2015, p. 728.

⁷⁰ cf. AA n. 17; OE n. 15.

⁷¹ cf. SC n. 102. 106. 107

⁷² cf. SC n. 56.

⁷³ cf. SC n. 106

⁷⁴ cf. Sth III, q 73, a 3c; PO5.

comunhão de vida com a Trindade⁷⁵, na unidade entre os fiéis⁷⁶ e se expressa na caridade⁷⁷, ou ainda nas expressões: sacrifício eucarístico⁷⁸; pão eucarístico⁷⁹; mistério eucarístico⁸⁰ e tabernáculo eucarístico⁸¹, também oblação eucarística⁸²; assembleia eucarística⁸³; liturgia eucarística⁸⁴; ceia eucarística⁸⁵ e o plural, espécies eucarísticas⁸⁶. Por fim: ceia do Senhor⁸⁷; a última ceia⁸⁸; ceia celestial⁸⁹; fração do pão⁹⁰ e partilha do pão⁹¹.

Na Última Ceia, na noite em que seria traído, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue, com o qual perpetuaria pelos séculos, até que ele volte, o Sacrifício da Cruz. Deste modo ele confiou à Igreja, sua amada Esposa, o memorial de sua Morte e Ressurreição: sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade⁹², convívio pascal, “no qual se recebe o Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado um penhor da glória futura”⁹³ (SC 47).

Os documentos conciliares recuperam a concepção teológica da Eucaristia, como própria da sua etimologia: a ação de graças, o louvor, a glorificação, o agradecimento ao Pai por todas as maravilhas realizadas desde a Criação e na História da Salvação por intermédio do Filho e pela ação do Espírito Santo⁹⁴. Recupera-se ainda, a concepção bíblica como memorial do Mistério Pascal na sua totalidade⁹⁵ ou também chamado Mistério de Cristo⁹⁶, a importância de fazer memória

⁷⁵ cf. PO n. 5 e UR n. 15

⁷⁶ cf. GI3; PO n. 6a

⁷⁷ cf. SC n. 47; AA n. 3

⁷⁸ cf. LG n. 10b, 11c. 17b. 45c.

⁷⁹ cf. LG n. 3c. 7d.

⁸⁰ cf. DV n. 26b; UR n. 22c

⁸¹ cf. SC n. 128a

⁸² cf. LG n. 10b

⁸³ cf. LG n. 28b; PO n. 5e

⁸⁴ cf. PO n. 7a

⁸⁵ Cf. AA n. 8c

⁸⁶ cf. SC n. 7a

⁸⁷ cf. LG n. 26a; SC n. 6a; 10a

⁸⁸ cf. SC n. 47a

⁸⁹ cf. GS n. 38c

⁹⁰ cf. DV n. 10a

⁹¹ cf. SC n. 6a

⁹² SANTO AGOSTINHO. O Evangelho de São João, Tratado XXVI, Cap. VI, n,13, PL 35, 1613.

⁹³ Breviário Romano, na festa do Corpo do Senhor, antífona do Magnificat, II vesp.

⁹⁴ cf. SC 6, 48, 83; PO 5; LG 17

⁹⁵ cf. SC 6 n. 1; CD n. 15

⁹⁶ cf. SC n. 2

da ceia Pascal⁹⁷, de expressar a fé em Cristo como nossa Páscoa⁹⁸, acreditar na libertação por meio de sua morte⁹⁹, reforçando a dimensão salvífica da Eucaristia¹⁰⁰ e, sobretudo em celebrar a Nova Aliança estabelecida entre Deus e as pessoas¹⁰¹.

A Liturgia é ápice e fonte da vida da Igreja. Por tudo isso, a Liturgia é o cume para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte da qual emana toda a sua força. De fato, o trabalho apostólico é realizado para que todos, pela fé e o Batismo, se tornem filhos de Deus e, reunidos em assembleia, louvem a Deus no seio da Igreja, participem do Sacrifício eucarístico e se alimentem na Ceia do Senhor. Por sua vez, a própria Liturgia impulsiona os fiéis, para que saciados pelos "sacramentos pascais" vivam "unidos na caridade"¹⁰² e reza para que "confirmem pela vida o que receberam pela fé"¹⁰³ A renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia atrai e arrasta os fiéis à imensurável caridade de Cristo. Portanto, da Liturgia e, de modo especial, da Eucaristia, como de uma fonte, corre para nós a graça que, em Cristo, realiza com maior eficácia a santificação dos homens e a glorificação de Deus, fim último para o qual convergem todas as outras obras da Igreja.

Na *Lumen Gentium*, por exemplo, a Eucaristia assumirá matizes eclesiológicas e na *Gaudium et Spes* será vista como compromisso fraterno e serviçal dentro e fora da comunidade. Já para os decretos *Presbyterorum Ordinis* e *Perfectas Caritatis* propõe uma espiritualidade eucarística para a vida dos sacerdotes, para as comunidades cristãs e para a vida religiosa¹⁰⁴.

O Concílio de Trento, com a finalidade de defender-se das críticas dos reformadores, a Igreja supervalorizou a Eucaristia em detrimento dos outros sacramentos¹⁰⁵, reforçou a prática de conservar as partículas consagradas no sacrário¹⁰⁶, incentivou o costume de comungar sob uma espécie e as missas privativas¹⁰⁷ e a prática de culto e adoração eucarística¹⁰⁸, acabou, de certa forma, restringindo a compreensão da dimensão teológico-bíblico-espiritual em relação à

⁹⁷ cf. SC n. 47

⁹⁸ cf. SC n. 3

⁹⁹ cf. SC n. 6; AG n.14

¹⁰⁰ cf. AG n. 9, PO n. 13

¹⁰¹ cf. SC n. 10; PO n. 4

¹⁰² Oração após a comunhão da Vigília Pascal e do Domingo da Ressurreição.

¹⁰³ Oração da Missa da terça-feira da Oitava da Páscoa

¹⁰⁴ Dicionário do Concílio Vaticano II – 2015, p. 374

¹⁰⁵ cf. DS n. 1639-1640

¹⁰⁶ cf. DS n. 1645

¹⁰⁷ cf. DS n. 1747; 1753 cân 8

¹⁰⁸ cf. DS N. 1643-1644

Eucaristia e aos poucos surgiram desconexão entre o estudo do sacramento e a liturgia, ou seja, a separação entre a mesa da Palavra e da Eucaristia.

Entre as inovações do Vaticano II está a afirmação da Eucaristia como “fonte e ápice da vida cristã”¹⁰⁹ e a alma da evangelização cristã; a ênfase sobre o lugar da Eucaristia entre os sacramentos da iniciação cristã¹¹⁰; a correlação entre as duas mesas: da Palavra e da Eucaristia¹¹¹; a recuperação do seu enfoque litúrgico; valorização da participação da assembleia como Corpo Místico de Cristo e a Eucaristia como serviço, comunhão e aquela que estabelece a vínculo de caridade. Também foram reavivadas as noções bíblicas de sacrifício relacionadas ao Memorial do Mistério Pascal na totalidade¹¹² e como ceia do Senhor. Também foram retomadas as dimensões antropológica, escatológica, eclesiológica¹¹³ e pneumatológica¹¹⁴, assim como uma preocupação com o diálogo ecumênico e interreligioso sobre a Eucaristia, sobretudo com as Igrejas Orientais¹¹⁵ e com as outras denominações cristãs¹¹⁶.

O Concílio afirma que na Eucaristia, Cristo se faz presente para ser nosso alimento, para comunicar-nos sua própria vida e para edificar a comunidade com seu próprio corpo. Na ação do Espírito Santo, essa força vivificante de Deus¹¹⁷, que torna possível o mistério da presença de Cristo na comunidade¹¹⁸ e a sua doação no pão eucarístico. Desta forma, cada cristão entra em comunhão com o Senhor e, ao comungar, do mesmo pão e do mesmo vinho, forma, junto com a comunidade, o Corpo Místico de Cristo¹¹⁹, também pela ação do Espírito¹²⁰.

Como elemento eclesiológico da Eucaristia está o aspecto da missionariedade, uma vez que ela é apresentada como alma da evangelização¹²¹ e como aquela que

¹⁰⁹ cf. LG n. 11

¹¹⁰ cf. SC n. 71

¹¹¹ cf. SC n. 48. 51

¹¹² cf. SC n. 47; AG n. 14b

¹¹³ cf. LG n. 26

¹¹⁴ cf. SC n. 48; LG n. 10.11.

¹¹⁵ cf. UR n. 15

¹¹⁶ cf. LG n. 15.

¹¹⁷ cf. PO n. 5

¹¹⁸ cf. AG n. 15

¹¹⁹ cf. LG n. 7; CD n. 11; 15.

¹²⁰ cf. LG n. 9; n. 48

¹²¹ cf. PO n. 5, 6; LG n. 33

sustenta o batizado a manter-se na caridade¹²² e no seu testemunho cristão na sociedade¹²³. Sobre o apostolado dos leigos, a *Lumen Gentium* nos diz:

Congregados no povo de Deus e constituídos no único Corpo de Cristo sob uma só cabeça, os leigos, quem quer que sejam, como membros vivos são chamados a contribuir com todas as suas forças, recebidas da bondade do Criador e da graça do Redentor, para o incremento da Igreja e sua perene santificação. O apostolado dos leigos é, pois, participação na própria missão salvífica da Igreja e a este apostolado todos são destinados pelo próprio Senhor através do Batismo e da Confirmação. Pelos sacramentos, porém, principalmente pela sagrada Eucaristia, comunica-se e se alimenta a caridade para com Deus e com os homens, que é a alma de todo apostolado. Mas os leigos são especialmente chamados a tornar a Igreja presente e operosa nos lugares e circunstâncias em que apenas através deles ela pode vir ser sal da terra¹²⁴. Assim, todo leigo, em virtude dos próprios dons a ele conferidos é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da própria missão da Igreja "conforme a medida do dom de Cristo" (Ef 4,7). Além desse apostolado, que compete a todos os cristãos sem exceção, os leigos podem ser chamados de diversos modos a cooperar mais imediatamente com o apostolado da hierarquia¹²⁵, à semelhança dos homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito no Senhor (Fl 4,3; Rm 16,3ss.). Além disso, gozam da aptidão de serem designados pela hierarquia para alguns encargos eclesiais a serem exercidos para uma finalidade espiritual. Portanto, a todos os leigos incumbe o preclaro dever de trabalhar para que o plano divino de salvação atinja sempre mais todos os homens de todos os tempos e em toda a terra. Por isso, seja-lhes aberto amplo caminho a fim de que, de acordo as suas forças e as necessidades dos tempos, também eles participem ativamente na obra salvífica da Igreja.¹²⁶

Assim, todos os batizados são chamados à missão da Igreja.

2.3. A celebração eucarística a partir da reforma litúrgica

A comunidade não assiste à celebração eucarística, ela celebra a ceia do Senhor. É toda comunidade que celebra o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, presidida pelo ministro ordenado:

“Por isso, a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa

¹²² cf. AA n. 3

¹²³ cf. PO n. 6; LG n. 33

¹²⁴ PIO XI. Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* (QA) de 15 de maio de 1931: AAS 23 (1931) p. 221s. PIO XII *Alocução De quelle consolation*, de 14 de outubro de 1951: AAS 43 (1951), p. 790s.

¹²⁵ PIO XII. *Alocução Six ans se sont écoulés*, de 5 de outubro de 1957: AAS 49 (1957), p. 927

¹²⁶ cf LG n. 33

compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na palavra de Deus; alimentem-se na mesa do corpo do Senhor.¹²⁷”

A revalorização da íntima relação entre a Eucaristia e a Igreja é um dos grandes bens e herdados do Concílio Vaticano II para toda a Igreja e para cada comunidade eclesial¹²⁸. O primeiro documento elaborado foi a constituição sobre a Sagrada Liturgia a *Sacrosanctum Concilium* – SC, e ali se definiu que “a Liturgia é o cume para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte da qual emana toda a sua força. De fato, o trabalho apostólico é realizado para que todos, pela fé, e o Batismo, se tornem filhos de Deus e, reunidos em assembleia, louvem a Deus no seio da Igreja, participem do Sacrifício eucarístico e se alimente na ceia do Senhor”¹²⁹.

O Sagrado Concílio se propõe a fomentar cada vez mais entre os fiéis a vida cristã; adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições que podem ser modificadas; favorecer tudo o que possa contribuir para a união de todos aqueles que creem em Jesus Cristo; e fortalecer tudo o que possa atrair todas as pessoas ao seio da Igreja. Por isso, julga ter a obrigação de providenciar, de maneira especial, a reforma e o incremento da Liturgia¹³⁰.

Sobre o sacerdócio comum dos fiéis, “a partir da concepção eclesiológica da comunhão”, o Concílio Vaticano II definiu o cristão leigo de maneira positiva e afirmou a sua plena incorporação à Igreja e ao seu ministério. “Esses fiéis foram incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos povo de Deus e, a seu modo, feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo. [...] Por isso, os cristãos leigos e leigas são Igreja e não apenas pertencem à Igreja [...]. Não é evangélico pensar que os clérigos - ministros ordenados - sejam mais importantes e mais dignos, sejam “mais” Igreja que os leigos. Essa mentalidade, errônea em seu princípio, esquece que a dignidade não advém dos serviços e ministérios que cada um exerce, mas da própria iniciativa divina, sempre gratuita, da incorporação a Cristo pelo Batismo”¹³¹.

Mesmo antes do Concílio, o movimento litúrgico já tinha produzido seus preciosos frutos, consubstanciados principalmente na encíclica *Mediatus Dei*, de Pio

¹²⁷ cf. SC n. 48

¹²⁸ cf. LG n. 11; UR n. 15, *Presbyterorum Ordinis* n. 5; *Dei Verbum* n. 21

¹²⁹ cf. SC n. 10; Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*,

¹³⁰ cf. SC n. 1

¹³¹ Documentos da CNBB 105 - Cristãos Leigos e Leigas na Sociedade- 2016, n. 109

XII, em 1947. Em 1955 se realizou a restauração da liturgia da Semana Santa. Ao chegar o Concílio já havia um grande número de peritos altamente preparados em estudos litúrgicos¹³².

A partir dos documentos do Concílio descobre-se o sentido da “atualização” do mistério pascal. Partindo da paixão, morte e ressurreição do Senhor, “desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo ‘o que se referia a Ele em todas as Escrituras’ (Lc, 24,27 – os discípulos de Emaús), celebrando a Eucaristia, na qual ‘se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte’¹³³ e dando graças ‘a Deus pelo Seu dom inefável’ (2Cor 9,15) em Cristo Jesus. A dimensão do “celebrar” aparece constantemente nos artigos da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, “qualquer celebração litúrgica é, por se obra de Cristo sacerdote e do se Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja¹³⁴.

O Vaticano II resgata a presença da Palavra de Deus nas celebrações. Todos os rituais cristãos têm dois momentos distintos e complementares, que é a simbologia a cada sacramento ou sacramental, marcado por bênçãos, consagrações e partilhas. Na junção entre Palavra e Símbolos, que compõe a cerimônia, a presença do Espírito Santo unifica espiritualmente todos os elementos rituais. Em verdade, a unidade Trinitária se realiza em todos os rituais da Igreja. Toda prece ao Pai, pela ação do Filho, iluminada pelo Espírito Santo garante a graça divina na comunidade celebrante¹³⁵.’ A *Sacrosanctum Concilium* oferece uma descrição mais clara e precisa do caráter sacrificial da Eucaristia, que foi instituída como Sacrifício da Cruz; afirma a necessidade de simplificar os ritos, de omitir tudo o que foi acrescentado no decurso do tempo ou que não apresenta verdadeira utilidade, e de restaurar, segundo a norma dos Santos Padres, o que caiu em desuso, mas parecer oportuno ou necessário ser reintroduzido; define a homilia a ser pronunciada na missa dominical como uma alocução pela qual, através do ano litúrgico e do texto sacro, se expõem aos fiéis os mistérios e as normas da vida cristã; refere-se ao uso da língua vernácula na Santa

¹³² cf. Dom Demétrio Valentini, 2011, p. 51-52.

¹³³ cf. Concílio de Trento, Sess XIII, 11 out. 1551. Decreto de ss. *Eucharistia*.

¹³⁴ cf. SC n. 7

¹³⁵ Dicionário do Concílio Vaticano II – 2015, p. 555

Missa, afirmando que tais línguas podem ser usadas; recomenda que além do uso da língua vernácula na Missa, os fiéis aprendam a rezar e a cantar as partes ordinárias; recomenda um modo mais perfeito de participar da Celebração Eucarística mediante a recepção da hóstia consagrada na própria missa; pede que os fiéis, nos domingos e dias de festa, assistam à missa inteira¹³⁶.

¹³⁶ BARAÚNA, Guilherme – A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio, Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II 1964, p. 101 – 105.

Capítulo 3

O EUCARISTIA COMO SACRAMENTO, CELEBRAÇÃO E COMPROMISSO

Até aqui fez-se um “roteiro” litúrgico-eucarístico, com a mesa da Palavra e a Mesa Eucarística, restabelecidas pelo Concílio Vaticano II, em consonância ao que vemos no Evangelho de Lucas (Lc 24,13-35), quando “os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus” depois de terem “ouvido as passagens da Escritura”, para falar da Eucaristia como Sacramento, Celebração e Compromisso. Refletir sobre a fé eucarística como fonte de compromisso social e ação missionária.

Segundo Taborda, “os sacramentos celebram o que acontece na vida cristã de cada dia como irrupção da graça, expressam-na como tal, condensam, recriam e plenificam a experiência da atuação e presença de Deus na vida”. Desta forma, quem recebe o sacramento professa que a vida no segmento de Jesus é Dom vem de Deus. Não é o sujeito que vive no segmento de Jesus que a tem e produz, pois o gesto simbólico tem de ser recebido de outro. A novidade de sair de si para partilhar a vida com outro, ser dom para o outro, entregando-se, morrendo a si para que haja vida, é celebrada como nova chance de viver para o outro, no segmento de Jesus¹³⁷.

A vida no segmento de Jesus (práxis histórica no Senhor) é a verdade dos sacramentos. Nela, se verifica, mostra e faz verdadeiro o que acontece nos sacramentos e, por sua vez, o sacramento se afirma, assimila, impulsiona, condensa e plenifica, que acontece no segmento histórico de Jesus. Por isso não há Sacramento, sem fé e não há fé sem sacramentos. Nos sacramentos a comunidade celebra a sua vida e a de seus membros. A Igreja, como comunidade de fé, criada pelo Espírito, a partir da fé no Cristo Ressuscitado, tem na teologia dos sacramentos uma categoria de festa (Práxis histórica do Senhor). Por meio dela atua o Espírito de Deus que age na vida de cada um e da comunidade¹³⁸.

Embora a renovação apontada pelos padres conciliares na *Sacrosanctum Concilium* para a liturgia tenha sido “freada” nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, por conta da severa centralização romana, com a “volta à grande disciplina”,

¹³⁷ TABORDA, PAULUS, Francisco, SJ Sacramentos, práxis e festa 2019, p. 184

¹³⁸ Idem, p. 116 e 117

diagnosticada por João Batista Libânio em sua obra clássica já no ano de 1983¹³⁹, o Papa Francisco, já no primeiro ano de seu pontificado, reacendeu a “chama do *aggiornamento*” na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* - A alegria do Evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG), afirma a necessidade de tornar mais explícitos os conceitos-chave do Vaticano II: seus fundamentos, seu horizonte teológico e pastoral, seus argumentos e o método usado¹⁴⁰.

Aqui, escolhi propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo. Neste quadro e com base na doutrina da Constituição dogmática *Lumen Gentium*, decidi, entre outros temas, deter-me amplamente nas seguintes questões: a) a reforma da Igreja em saída missionária; b) as tentações dos agentes pastorais; c) a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza; d) a homilia e a sua preparação; e) a inclusão social dos pobres; f) a paz e o diálogo social; g) as motivações espirituais do compromisso missionário¹⁴¹.

Como opina Massimo Faggioli, com Francisco, a liturgia encontrou seu lugar no horizonte querido, descrito pela *Sacrosanctum Concilium* e corroborado pela reforma litúrgica, haja vista as reiteradas reações de Francisco às declarações nada convenientes do atual prefeito da Congregação para o Culto Divino, na tentativa de operar a famosa “reforma da reforma”¹⁴². Alguns dos últimos documentos papais deixam bem claras essa posição, como por exemplo a *Traditionis Custodes* e *Desiderio Desideravi*.

¹³⁹ LIBÂNIO, João Batista. A volta à grande disciplina. São Paulo: Loyola, 1983, p. 77

¹⁴⁰ COUTINHO, Sérgio Ricardo. O que foi o Concílio Vaticano II? In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 08 abr. 2023

¹⁴¹ cf. EG n. 17

¹⁴² cf. A Liturgia em tempos de Francisco – Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/a-liturgia-em-tempos-de-francisco/> - Acesso em: 21 abr. 2023

3.1. A mensagem de Francisco: *Traditionis Custodes*¹⁴³ e *Desiderio Desideravi*¹⁴⁴

A publicação do Motu Proprio *Traditionis Custodes* restringe especialmente a celebração das missas tridentinas¹⁴⁵. Segundo Massimo Faggioli, o documento *Traditionis custodes* representa um dos atos papais mais importantes da história da recepção e da implementação do Vaticano II. A publicação pegou muitos observadores e especialistas litúrgicos de surpresa. Não por causa do que ele diz sobre o pensamento teológico de Francisco (ele sempre foi inflexível ao defender a validade da reforma litúrgica do Vaticano II), mas por causa da rejeição inequívoca ao documento *Summorum Pontificum*¹⁴⁶, de Bento XVI, e por causa do momento da sua publicação – ou seja, enquanto Bento XVI ainda estava vivo¹⁴⁷.

Assim se pronunciou o Papa Francisco na carta endereçada aos Bispos do mundo inteiro explicando sua decisão: “Em defesa da unidade do Corpo de Cristo, sou obrigado a revogar a faculdade concedida pelos meus Predecessores [...] O uso distorcido que foi feito desta faculdade é contrário às intenções que levaram a conceder a liberdade de celebrar a Missa com o *Missale Romanum* de 1962”¹⁴⁸.

Trata-se de um movimento do Papa Francisco contra o tradicionalismo anti-Vaticano II. É algo como um referendo sobre o qual os bispos são forçados a tomar uma posição, já que o documento dá aos bispos locais a responsabilidade de reinar sobre os católicos tradicionalistas em suas igrejas locais. A entrevista de Dom

¹⁴³ Carta Apostólica em forma de «Motu proprio» *Traditionis Custodes* sobre o uso da Liturgia Romana anterior à reforma de 1970 – Papa Francisco, de 16 de julho de 2021

¹⁴⁴ Carta Apostólica *DESIDERIO DESIDERAVI* – Sobre a formação litúrgica do povo de Deus – Papa Francisco – 20 de junho de 2022.

¹⁴⁵ Missa Tridentina: também conhecida como Missa de Sempre, Missa Tradicional ou Missa na Forma Extraordinária do Rito Romano, é a Missa como foi celebrada pela Igreja, com pequenas variações, desde o século VI até pouco menos de 50 anos atrás. Rito antiquíssimo e venerável, jamais abolido, verdadeiro tesouro da Santa Igreja. Disponível em: <https://salvemaria.com.br/a-santa-missa-tridentina/> - Acesso em 21 abr. 2023

¹⁴⁶ Carta Apostólica *Summorum Pontificum*, A preocupação dos Sumos Pontífices, Bento XVI, de 7 de Julho de 2007 - o Motu Proprio que liberou a celebração com o rito antigo).

¹⁴⁷ Os limites do motu proprio *Traditionis Custodes*. Artigo de Massimo Faggioli. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612635-os-limites-do-motu-proprio-traditionis-custodes-artigo-de-massimo-faggioli> . Acesso em: 21 abr. 2023

¹⁴⁸ O Rito Romano e novo Motu Proprio "Traditionis Custodes. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-07/motu-proprio-traditiones-custodes-mons-sampaio-oliveira.html> - Acesso em: 16 abr. 2023

Geoffroy Kemlin, padre abade de Solesmes, nos indica como foi a recepção da *Traditionis Custodes*:

“Ele me esclareceu alguns pontos e estou satisfeito. Sobre a forma de fazer as coisas entre nós, em Solesmes, sua resposta foi interessante. Ele me disse: Estou a 2.000 quilômetros do seu mosteiro. Você é um monge, e o discernimento é próprio dos monges. Eu não lhe digo nem 'sim' nem 'não', mas deixo você discernir e tomar a sua decisão¹⁴⁹. Saí deste encontro tranquilizado e fortalecido no meu papel de abade para discernir as situações. Esta confiança do Santo Padre é muito louvável”¹⁵⁰.

Já em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, o papa toca nos principais pontos teológicos acerca da reforma litúrgica iniciada antes mesmo do Concílio Vaticano II, sob o pontificado de Pio XII, no esteio do Movimento Litúrgico. E o faz com propriedade, citando desde Leão Magno (n. 9 e 41), Agostinho (n. 14) e Irineu (n. 43), passando por Francisco de Assis (n. 44) e chegando a Romano Guardini (n. 34). O título do documento é tirado do Evangelho segundo Lucas 22,15, quando Jesus afirma, na véspera de sua paixão, ao instituir a eucaristia, na chamada Última Ceia: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer”.

O cabeçalho da Carta já indica a total fidelidade à eclesiologia que emergiu do Concílio Vaticano II: o papa endereça sua carta “aos bispos, presbíteros, diáconos, consagrados e leigos”, em consonância com a ministerialidade da Igreja apresentada na *Lumen gentium* (LG).

Caríssimos irmãos e irmãs: Com esta carta desejo dirigir-me a todos – depois de já ter escrito apenas aos bispos na sequência da publicação do Motu Proprio *Traditionis custodes* – para partilhar convosco algumas reflexões sobre a Liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja. O tema é muito vasto e merece uma consideração atenta em todos os seus aspetos: todavia, com este escrito não pretendo tratar a questão de modo exaustivo. Quero, simplesmente, oferecer alguns pontos de reflexão para contemplar a beleza e a verdade do celebrar cristão¹⁵¹.

¹⁴⁹ Entrevista com o Abade de Solesmes, Dom Geoffroy Kemlin Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622039-traditionis-custodes-deixo-voce-discernir-diz-francisco-ao-abade-de-solesmes> . Acesso em 05 abr. 2023

¹⁵⁰ Idem

¹⁵¹ Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, n. 1

A temática do Vaticano II retornará ao longo de todo o documento, em todos os seus três eixos: reavivar o assombro diante da beleza e da verdade da celebração; promover uma formação litúrgica autêntica; reconhecer a importância da *ars celebrandi*¹⁵². O texto também alerta para as armadilhas do individualismo e do subjetivismo, bem como para um espiritualismo abstrato. Somos chamados a recuperar a capacidade – fundamental para a Liturgia – de ação e de compreensão simbólica.

Nesta carta, o Papa Francisco reitera o que já afirmou na *Traditiones Custodes*: “a única expressão da *lex orandi* do Rito Romano são os livros litúrgicos aprovados pelos papas Paulo VI e João Paulo II”. Para bem celebrar, portanto, é necessária uma fundamental formação para a liturgia e uma essencial formação a partir da liturgia¹⁵³. Em consonância com o Vaticano II, reafirma, ainda, os documentos conciliares: *Lumen gentium*, *Dei Verbum*, *Gaudium et Spes* e *Sacrosanctum Concilium*:

É com a realidade da modernidade que a Igreja reunida em Concílio, quis se confrontar, reafirmando a consciência de ser sacramento de Cristo, Luz dos Povos (*Lumen gentium*), colocando-se em religiosa escuta da Palavra de Deus (*Dei Verbum*) e reconhecendo como suas as alegrias e as esperanças (*Gaudium et spes*) dos homens de hoje. As grandes Constituições conciliares não são separáveis e não é por acaso que esta única grande reflexão do Concílio Ecumênico – a mais alta expressão da sinodalidade da Igreja, de cuja riqueza eu sou chamado a ser, com todos vós, o guardião, com todos vós – tenha começado com a Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*)¹⁵⁴.

Sobre a *ars celebrandi* (arte de celebrar) acrescenta que é mais do que um conjunto de formações técnicas ou racionais, significa entrar no espírito da celebração e deixar-se formar pelo próprio texto e pelos gestos próprios de cada ato litúrgico, o que implica também em adquirir a *ars dicendi*, ou arte de falar bem. Neste momento, dirige o discurso sobre o presidente da celebração, apresentando um percurso peculiar e original: para bem celebrar, o presidente precisa ter a consciência de que é um instrumento para espalhar a chama do amor divino sobre a terra, sob o olhar atento da Virgem Maria, cheio do Espírito Santo, reconhecendo seus pecados e humildade,

¹⁵² cf. Pe. João Paulo Veloso - Comentário à Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* in <https://www.asli.com.br/artigos/comentario-a-carta-apostolica-desiderio-desideravi>. Acesso em: 21 abr. 2023

¹⁵³ cf. Carta apostólica *Desiderio Desideravi*, n. 31 e *Traditiones Custodio* n. 1

¹⁵⁴ cf. carta apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, São Paulo: Paulinas, 2022, p. 30, n. 29

desejando ser consumido pelo povo: que ao dizer “isto é o meu corpo entregue por vós” o diga de fato e de coração (n. 57-60).

O papa termina este eixo afirmando categoricamente que não é possível retornar à forma celebrativa pré-Vaticano II¹⁵⁵. Francisco nos incentiva, ainda, a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do domingo como pontos fundamentais para a boa vivência da fé.

Por isso, gostaria de deixar mais uma indicação para continuar nossa jornada. Convido-vos a redescobrir o sentido do *ano litúrgico* e do *dia do Senhor*: também isso nos é legado pelo Concílio (cf. SC, n. 102-111)¹⁵⁶.

Por fim, conclui a *Desiderio Desideravi* com um apelo: “Abandonemos as controvérsias para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, guardemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da Liturgia. A Páscoa nos foi dada, deixemo-nos envolver pelo desejo que o Senhor continua a ter de poder comê-la conosco. Sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja.” (65).

3.2. A Eucaristia e o compromisso social

Ao comungar a Eucaristia, o ser humano, é levado a uma transformação interior, renascido no batismo a uma vida segundo o Espírito. Não mais segundo a carne. A Eucaristia reforça o sentido cristão da vida, enquanto a sua celebração é um serviço a Deus e aos irmãos, e leva a um testemunho dos valores evangélicos no mundo. Assim, as três dimensões da vida cristã, liturgia – *martyria* – *diakonia*, exprimem a continuidade entre o sacramento celebrado e adorado, o empenho de testemunhar Cristo no meio das realidades temporais e a comunhão construída através do serviço da caridade, sobretudo em favor dos pobres¹⁵⁷.

Todos os papas, desde o Concílio Vaticano II, vem motivando os fiéis a agirem como testemunhas de Jesus Cristo. Para o Papa Paulo VI, a cabeça, Cristo, infunde

¹⁵⁵ cf. Pe. João Paulo Veloso - Comentário à Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* in <https://www.asli.com.br/artigos/comentario-a-carta-apostolica-desiderio-desideravi>. Acesso em: 21 abr. 2023

¹⁵⁶ cf. carta apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, São Paulo: Paulinas, 2022, p. 58, n. 63

¹⁵⁷ cf. *Instrumentum Laboris - XI Assembleia Geral Ordinária – Sínodo dos Bispos - A Eucaristia: Fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*, 2005 - Paulinas, p. 120

a vida nos membros de seu corpo místico. A eucaristia é sinal e causa desta nova estrutura humana, histórica, universal, que vive do Espírito de Cristo, porque foi unida e intimamente associada a ele e, por isso mesmo, santificada em todas as expressões de sua existência: “Quem comer de minha carne viverá por mim” (Jo 6,57), e sustentada pela esperança que não engana (cf. Rm 5,5) e pela ressurreição final (cf. Jo 6,51-58). Todos nós devemos ser uma coisa só, devemos constituir não só uma sociedade unânime, perfeitamente estruturada por um único pensamento, a fé, e por um afeto comunitário, a caridade, mas também uma sociedade viva e sobrenatural, em virtude de um idêntico princípio existencial, a graça unificadora, que emana de Cristo eucarístico, para formarmos “o corpo” do “Cristo total”; o Cristo do Evangelho, a cabeça, e nós, os membros disseminados pelo mundo e na história”¹⁵⁸.

Aliás, Paulo VI em muitas ocasiões faz pronunciamentos eucarísticos tendo como texto de referência a primeira carta de Paulo ao Coríntios, sobretudo quando o apóstolo frisa a incompatibilidade de divisões na comunidade com a participação no corpo e sangue do Senhor. Emprega também a Graça como princípio e alimento da “*koinonia*”¹⁵⁹. Fala também da misteriosa unidade produzida pela participação eucarística “porque eucaristia se chamará esta celebração de amor recordado e reconhecido, este “*ágape*”, esta comunhão sacrificial; é a unidade do corpo místico, é a Igreja, corpo místico de Cristo, vivo, de fé, esperança e caridade”¹⁶⁰.

Em outros textos e pronunciamentos, o Papa Paulo VI volta a aprofundar o sentido da “*koinonia*” da graça eucarística: “viver responsabilmente na Igreja significa ser e ‘fazer Igreja’, respeitando suas características”¹⁶¹. Ele procura mostrar a nova imagem de Igreja, nascida do Vaticano II – Povo de Deus, comunidade, sinal e instrumento de salvação do mundo. Exalta o enfoque comunitário da liturgia, tendo a eucaristia como “fonte”¹⁶².

Inaugurando a segunda sessão do Concílio Vaticano II (29 de setembro de 1963), ele não hesitou em proclamar:

¹⁵⁸ HADDAD, Antônio, Eucaristia e compromisso social: Como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade, São Paulo: Ed. Loyola, 1985, p. 143

¹⁵⁹ Idem, p. 161

¹⁶⁰ HADDAD, Antônio, Eucaristia e compromisso social: Como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade, São Paulo: Ed. Loyola, 1985, p. 161-162, Insegn. Paolo VI, 1969, p. 189

¹⁶¹ HADDAD, Antônio, Eucaristia e compromisso social: Como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade, São Paulo: Ed. Loyola, 1985, p. 165

¹⁶² cf. SC, n. 10

“Que o mundo saiba: a Igreja o olha com uma profunda compreensão, com uma admiração sincera, sinceramente disposta a não o subjugar-lo, mas a servi-lo; a não desprezá-lo, mas a valoriza-lo; a não condená-lo, mas a sustentá-lo e a salvá-lo”¹⁶³.

Mas em 1967, com a sua encíclica social *Populorum Progressio*, em que disserta sobre o desenvolvimento integral do homem, e um desenvolvimento solidário da humanidade, chama a atenção da Igreja universal para os imensos e dramáticos problemas do Terceiro Mundo, visão esta não abordada definitivamente pelo Vaticano II. Coloca em prática seu desejo de diálogo com o mundo contemporâneo acerca dos problemas, das necessidades e das possíveis soluções, podendo contar com a diaconia da Igreja. O Papa Paulo VI não se coloca entre aqueles que reduzem a eucaristia a um encontro pessoal, mantendo a sociedade em estado de guerra¹⁶⁴. Na quinta-feira santa de 1969, fala da eucaristia como “luz para a nossa vida prática e social”. Já em 1973, relacionando eucaristia e comunidade e, frisando a unidade do corpo místico que é a Igreja como graça específica – *res* – da eucaristia (citando Santo Tomás (*S. Th. III, 3,3*) comenta: Nenhum sentido de solidariedade e, portanto, de progresso civil, poderia ser mais autêntico, mais pleno, nem mais operante do que aquele que nasce da consciência comunitária da eucaristia. O mistério torna-se luz, torna-se força...comuns, como esplendor para os costumes públicos como esperança para a nossa justiça e para a nossa paz”¹⁶⁵. Não resta dúvida: novos caminhos são abertos por Paulo VI acerca do enfoque social da eucaristia, salientando a unidade da comunidade humana, suas implicações e conotações.

“A eucaristia leva a sentir as necessidades dos pobres [...] todos e cada um a sentirem como próprias as necessidades da comunidade – as dos pobres, desempregados, dos que sofrem, da infância e da juventude, bem como as da vida religiosa e as da vida civil - Paulo VI, no Congresso Eucarístico nacional italiano, 1972¹⁶⁶. “O leigo batizado, testemunho de Cristo, encarregado de fazer penetrar nas estruturas do mundo o espírito cristão, encontra aí (na eucaristia) as luzes necessárias para julgar os verdadeiros valores humanos, para sustentar seu esforço em favor da

¹⁶³ Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, p. 787

¹⁶⁴ HADDAD, Antônio, *Eucaristia e compromisso social: Como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade*, São Paulo: Ed. Loyola, 1985, p. 169

¹⁶⁵ Idem, p. 173

¹⁶⁶ Ibidem, p. 177.

justiça e da paz. Durante o Congresso Eucarístico internacional de Bogotá, na Colômbia, ao qual o Papa esteve presente, por várias vezes frisou a necessidade de justiça e de paz dentro do contexto eucarístico¹⁶⁷.

Os textos acima e outros extraídos dos discursos eucarísticos, do Papa Paulo VI, apontam com vigor da eucaristia, fundado já na primeira carta de Paulo ao Coríntios, mas esquecida no período pós-tridentino até quase os tempos do Concílio Vaticano II. Este por sua vez, ensina que a eucaristia não é apenas o ápice e a fonte da vida cristã¹⁶⁸, mas também ápice e fonte de toda evangelização¹⁶⁹. O Vaticano II apresenta também o enfoque de que “não se edifica nenhuma comunidade cristã se ela não tiver por raiz e centro a celebração da santíssima eucaristia” e que é também “por ela que se há de iniciar toda educação do espírito comunitário”¹⁷⁰.

Já Bento XVI afirmou: “A propósito, é necessário explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social. A Eucaristia é sacramento de comunhão entre irmãos e irmãs que aceitam reconciliar-se em Cristo [...]. Através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar a sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça. A restauração da justiça, a reconciliação e o perdão são, sem dúvida alguma, condições para construir uma verdadeira paz; desta consciência nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito da dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus; é através da realização concreta desta responsabilidade que a Eucaristia se torna na vida o que significa na celebração. Como já tive ocasião de afirmar, não é missão própria da Igreja tomar nas suas mãos a batalha política para se realizar a sociedade mais justa possível; todavia, ela não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça” (SC, n. 89)¹⁷¹.

A respeito da comunhão, diz o Papa Francisco:

“Cada vez que recebemos a Comunhão, assemelhamo-nos mais a Jesus, transformamo-nos mais em Jesus. Do mesmo modo que o pão e o vinho são

¹⁶⁷ Idem, p. 179-180.

¹⁶⁸ cf. SC n. 2

¹⁶⁹ cf. PO n. 5

¹⁷⁰ cf. PO n. 6

¹⁷¹ O Mistério Eucarístico e o Compromisso Social. Disponível em: <https://www.cnlb.org.br/?p=2170> . Acesso em 01 abr. 2023

transformados no Corpo e Sangue do Senhor, assim quantos os recebem com fé são transformados em Eucaristia viva. Ao sacerdote que, distribuindo a Eucaristia, te diz: ‘O Corpo de Cristo’, tu respondes: ‘Amém’, ou seja, reconheces a graça e o compromisso que comporta tornar-se Corpo de Cristo. Pois quando recebes a Eucaristia, tornas-te corpo de Cristo. Isto é bonito, é muito bonito. Enquanto nos une a Cristo, arrancando-nos dos nossos egoísmos, a Comunhão abre-nos e une-nos a todos aqueles que são um só nele. Eis o prodígio da Comunhão: tornamo-nos aquilo que recebemos!”¹⁷²

Na Homilia de Corpus Christi em 14 de junho de 2020, diz o Papa Francisco:

“O Senhor sabe que o mal e os pecados não são a nossa identidade; são doenças, infeções. E Ele vem curá-las com a Eucaristia, que contém os anticorpos para a nossa memória doente de negativismo. Com Jesus, podemos imunizar-nos contra a tristeza. Continuaremos a ter diante dos olhos as nossas quedas, as canseiras, os problemas de casa e do trabalho, os sonhos não realizados; mas o seu peso deixará de nos esmagar, porque, na profundidade de nós mesmos, temos Jesus que nos encoraja com o seu amor. Aqui está a força da Eucaristia, que nos transforma em portadores de Deus: portadores de alegria, não de negativismo. Nós, que vamos à Missa, podemos perguntar-nos o que levamos ao mundo: as nossas tristezas, as nossas amarguras ou a alegria do Senhor? Fazemos a Comunhão e, depois, continuamos a reclamar, a criticar e a lamentar-nos? Mas isto não melhora coisa alguma, ao passo que a alegria do Senhor muda a vida”¹⁷³.

Assim, devemos nos permitir transformar por Jesus Eucarístico para nos tornarmos o que comungamos: o próprio Cristo na vida do outro. Toda a Igreja é chamada a dirigir o olhar para o grande mistério que é a Eucaristia, que contém a razão mais profunda do seu ser e do seu viver – “A Eucaristia é fonte e cume de toda a vida cristã”¹⁷⁴. Graças à Eucaristia, a Igreja constantemente renasce.¹⁷⁵

3.3. Uma concepção missionária a partir da fé eucarística

Tendo como ponto de partida as palavras “*Ite missa est*”, com que termina a Celebração Eucarística, evocam o mandato missionário dado pelo Senhor ressuscitado aos discípulos antes da sua ascensão ao céu: “Ide, portanto, e fazei que

¹⁷² O O valor da Eucaristia nas palavras do Papa Francisco, Jornal O São Paulo. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/vaticano/o-valor-da-eucaristia-nas-palavras-do-papa-francisco/>. Acesso em 21 abr. 2023

¹⁷³ Idem

¹⁷⁴ CIC, n. 1324

¹⁷⁵ Homilia do Papa Bento XVI - 07/05/2005 na Basílica de São João De Latrão – in 7 de maio de 2005: Celebração Eucarística e Posse da Cátedra do Bispo de Roma | Bento XVI (vatican.va)

todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19). O mandato missionário de evangelizar todos os povos, confiado por Jesus aos discípulos está baseado no mandamento do amor, de que a Eucaristia é o ápice e a fonte inesgotável.

De acordo com o texto, a Eucaristia leva os cristãos a empenharem-se em favor da justiça no mundo de hoje:

Para essa missão, a Eucaristia oferece não só a força interior, mas também, em certo sentido, o projeto. Ela é, na realidade, um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho, tende a irradiar na sociedade e na cultura [...] Encarnar o projeto eucarístico na vida cotidiana, nos lugares onde se trabalha e vive – na família, na escola, na fábrica, nas mais diversas condições de vida – significa, para além do mais, testemunhar que a realidade humana não se justifica sem a referência ao Criador: sem o Criador, “a criatura não subsiste”¹⁷⁶.

De fato, a conclusão de toda a santa missa tem uma referência imediata do envio à missão. Nela se empenham todos os batizados, cada qual segundo sua própria vocação dentro do povo de Deus [...] A missão é exigente e empenhativa para as capacidades humanas. Por isso, onde buscar força senão na Eucaristia, nascente inesgotável da missão, verdadeira fonte de comunhão e de solidariedade, de reconciliação e de paz?¹⁷⁷

O Papa Paulo VI, apoiando-se em texto bíblicos e patrísticos fala da presença real de Cristo quando a Igreja pratica obras de misericórdia e na vida social da Igreja e na hierarquia eclesial: enquanto a Igreja reza; enquanto pratica obras de misericórdia; enquanto Igreja peregrina; enquanto ela prega a Palavra de Deus; enquanto ela dirige e governa o Povo de Deus; enquanto celebra e administra os sacramentos na missa; e de uma maneira verdadeiramente sublime no sacramento da Eucaristia¹⁷⁸.

A Eucaristia nos convida a unir fé e vida, contemplação e ação. O Cristo que recebemos na Eucaristia nos compromete com a luta dos pobres. Neste sentido, o

¹⁷⁶ cf. Instrumentum Laboris - XI Assembleia Geral Ordinária – Sínodo dos Bispos - A Eucaristia: Fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 2005 - Paulinas, p. 130-131.

¹⁷⁷ Idem, p. 120

¹⁷⁸ HADDAD, São Paulo, 1985, p. 143

Papa Francisco nos recorda que “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘se fez pobre’ (2Cor 8,9). O Papa Francisco nos recorda que a Eucaristia nos cura, com amor, daquelas fragilidades que não podemos nos curar sozinhos.

Um efeito essencial da comunhão eucarística é a caridade que deve penetrar na vida social. O Concílio Vaticano II e o papa Paulo VI, como já vimos, falaram da presença diversificada de Cristo: há de ajudar os cristãos a compreender o que significa a fé, a ligação entre o Cristo da Eucaristia e o Cristo presente nos seus irmãos e irmãs, sobretudo nos pobres e marginalizados da sociedade. O Papa Francisco nos afirma, ainda, esta lógica entre a Eucaristia e seus efeitos, a doar-se a seus irmãos e irmãs, de responder ao mal com o bem e nos inclinarmos com amor:

"A Eucaristia é um remédio eficaz contra esses fechamentos. O Pão da Vida, na verdade, cura a rigidez e a transforma em docilidade. A Eucaristia cura porque nos une a Jesus: nos faz assimilar seu modo de viver, sua capacidade de partir-se e doar-se a seus irmãos e irmãs, de responder ao mal com o bem. Nos doa a coragem de sair de nós mesmos e de nos inclinarmos com amor para a fragilidade dos outros. Como Deus faz conosco. Esta é a lógica da Eucaristia: recebemos Jesus que nos ama e cura nossas fragilidades para amar os outros e ajudá-los nas suas fragilidades".¹⁷⁹

Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. [...]. Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma ‘forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”¹⁸⁰.

Segundo Luis Segundo, no seu livro sobre os sacramentos, procura interpretar a eucaristia fora de um sentido mágico e alienante, e insiste que se aquela tem um significado, necessariamente, estabelece um diálogo. Sendo o sacramento da fé, estabelece diálogo com os que tem fé. “A única vitória da eucaristia é a de converter dentro da comunidade cristã em elemento de diálogo e propósito dos mesmos

¹⁷⁹ Papa Francisco, 06/06/2021 in <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-angelus-corpus-christi-eucaristia-pao-pecadores-santos.html> - acessado em 21/04/2023 - 10h04

¹⁸⁰ cf. EG n. 197-199

problemas humanos que trazem a humanidade angustiada. Em outras palavras, a eucaristia não é um sinal para o mundo, mas sim, para a comunidade cristã, que deverá estar a serviço do mundo, tornando-se um sinal para esta.”¹⁸¹

Já o Documento de Aparecida nos recorda a profunda relação entre a Eucaristia e a missão: “A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este Sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo. [...] Em cada Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando nele. [...] A Eucaristia, gente inesgotável da vocação cristã, é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Aí, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido”¹⁸².

¹⁸¹ Segundo, J.L., Os Sacramentos hoje, op. cit, p. 6 in HADDAD, 1985, p. 199-200.

¹⁸² cf. Documento de Aparecida, n. 251.

CONCLUSÃO

Após a pesquisa em diversos documentos da Igreja, bem como na condução dos Papas pós Concílio Vaticano II, foi possível identificar que mais de dois mil anos após sua instituição por Jesus Cristo (cf. 1Cor 11, 23), a Eucaristia, “verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo”¹⁸³, continua a fortalecer e impulsionar a Igreja em sua missão. A eucaristia permanece como alimento de nossa fé a nos fortalecer para enfrentar os desafios da vida cotidiana, com a esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5).

Mesmo numa sociedade marcada pelo pluralismo e que não admite proselitismos e teorias teocráticas na organização da sociedade, a Igreja tem buscado a dimensão social e profética da Eucaristia, ceia do Senhor em comprometer-se com os pobres e marginalizados com os quais Jesus se identificou. Nos documentos e discursos dos papas pós Concílio é explícito o convite e o estímulo a sairmos de nós mesmos para sermos sinais de comunhão, já que a Eucaristia é sacramento de unidade. Também o estímulo ao contágio do mundo pelo testemunho de cada batizado, como nas origens do Cristianismo. O cristão deve fazer brilhar sua luz, força e inspiração a partir da Eucaristia - Ação de Graças (do grego, *eukaristós*). Colaborar para a construção de um mundo mais fraterno e justo: “já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (cf. Gl 2,20).

Desde o “*aggiornamento*” do Concílio Vaticano II, até os dias presentes, temos sido constantemente motivados e convocados pela Igreja a nos unirmos em torno da Eucaristia para seguir os passos de Jesus. Aliás, com já mencionado no estudo, o Concílio nos ensina que a eucaristia não é apenas o ápice e a fonte da vida cristã, mas também ápice e fonte de toda evangelização. que “não se edifica nenhuma comunidade cristã se ela não tiver por raiz e centro a celebração da santíssima eucaristia” e que é também “por ela que se há de iniciar toda educação do espírito comunitário”. Esta chama do espírito comunitário foi bastante intensificada nos países da América Latina, tanto em sua dimensão eclesial como social, seja nas comunidades eclesiais de base como na “opção preferencial pelos pobres”, houve

¹⁸³ cf. CIC n. 1374

uma maior participação social e política, além do religioso e pessoal. Os ventos do ecumenismo também ajudaram a diminuir o preconceito à outras denominações, contribuindo à economia do encontro com o outro.

A Igreja que se constitui e se fortalece na Eucaristia, na comunhão e na participação do corpo e sangue de Cristo, tem consciência de ser continuadora da missão dele no mundo, pelo próprio mandato que recebeu: “Fazei isto em memória de mim”; “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura”. Ela é enviada a evangelizar os pobres, seguindo o mesmo caminho do seu Senhor: “Caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até a morte, morte de que ele saiu vencedor pela sua ressurreição. Foi assim também que todos os Apóstolos caminharam na esperança, completando com muitas tribulações e fadigas o que faltava aos trabalhos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja. Muitas vezes, mesmo, a semente foi o sangue dos cristãos”¹⁸⁴.

Precisamos ser “sal da Terra e Luz do Mundo (cf. Mt 5,13-14). Temos uma “Boa-Nova” para anunciar ao mundo de hoje: a Palavra de Deus, Jesus Cristo, que está presente entre nós. Ele é a mensagem de salvação e de vida.

A Eucaristia continua a ser fonte e ápice da vida da Igreja e também de sua missão. Como vemos e ouvimos no Evangelho: “Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus” (Lc 24, 30-31).

Que sejamos capazes de aproveitar cada Ceia Eucarística onde Jesus Cristo está vivo e ressuscitado no meio de nós, para sermos verdadeiros discípulos e missionários.

¹⁸⁴ cf. AG, n.5

BIBLIOGRAFIA

ALBERIGO, Giuseppe (org.), História dos Concílio Ecumênicos: trad. Jose Maria de Almeida Honório Dalbosco – São Paulo: Paulus, 1995, 4ª ed.

ALDAZÁBAL, José, A Eucaristia / tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

BEOZZO, José Oscar, Pacto das catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015

BOROBIO, Dionísio, Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja, São Paulo: Ed. Loyola, 2009

BARAÚNA, Guilherme – A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio, Estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II - Crônicas das Emendas da Constituição – Pe. Frei Boaventura Kloppenbrg, O.F.M. p. 95 – 119, Editora Vozes Limitada – Petrópolis – RJ 1964

DICIONÁRIO BÍBLICO, Mackenzie, John L.; (trad. Álvaro Cunha), Et al.; revisão geral Honório Dalbosco – São Paulo: Paulinas, 1983 (p. 314-317)

DICIONÁRIO DE LITURGIA, Domenico Sartore e Achille M. Triacca (org) – (trad. Isabel Fontes Leal Ferreira) , São Paulo: Paulinas (1992) (p. 327-328 / 395-414)

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE, Erasmo Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum ORGS, trad. Orlando Soares Moreira, Loyola / Paulinas – São Paulo 2012 - vol II. (p. 937-954)

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TEOLOGIA, Fernando Bortoletto Filho Org ASTE – São Paulo, 2008

DIDAQUÉ: o Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje, Trad. Storniolo, Ivo; Euclides Martins Balancin, São Paulo: Paulus (1989) 15ª Ed, 2008

DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches (Direção) São Paulo: Paulus, 2015

DOCUMENTO DE APARECIDA – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5ª ed. – São Paulo: Paulus, 2008 / Brasília: Ed. CNBB, 2008 / São Paulo: Paulinas, 2008

EUCHARISTIA: enciclopédia da Eucaristia / Maurice Brouard, (org.); Tradução Benôni Lemos – São Paulo: Paulus, 2006

HADDAD, Antônio, Eucaristia e compromisso social: Como Paulo VI entendeu a Eucaristia na Igreja e na sociedade, São Paulo: Ed. Loyola, 1985

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – CIC , Texto típico latino, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1997- São Paulo: Loyola (2000)

A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sobre a direção da “École biblique de Jérusalem”. Edição em língua francesa. São Paulo: Paulus – 1ª Edição, 2002 – 11ª reimpressão, 2016.

CARTA ENCÍCLICA *ECCLESIA DE EUCHARISTIA*, Do Papa João Paulo II, de 17 de abril de 2003, Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja

Documentos - CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Santa Sé / Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos, Brasília, CNBB (2018)

DENZINGER, Hünermann. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2007.

CARTA ENCÍCLICA *MYSTERIUM FIDE*, Do Sumo Pontífice Paulo VI, de 03 de setembro de 1965, Sobre o Culto da Sagrada Eucaristia

CARTA ENCÍCLICA *VERITATIS SPLENDOR*, João Paulo II, de 06 de agosto de 1993, Sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja

CARTA APOSTÓLICA *DESIDERIO DESIDERAVI*, Papa Francisco, de 29 de junho de 2022 - Sobre a formação litúrgica do povo de Deus

CARTA APOSTÓLICA *TRADITIONIS CUSTODES*, Papa Francisco, de 16 de julho de 2021, Sobre o uso da Liturgia Romana anterior à reforma de 1970

VALENTINI, Demétrio, Dom. Revisitar o Concílio Vaticano II, São Paulo: Paulinas, 2011. – (Coleção Revisitar o Concílio), 2ª reimpressão - 2012

LIBÂNIO, João Batista. A volta à grande disciplina. São Paulo: Loyola, 1983.

SOUZA, Ney de – História da Igreja na América Latina, Petrópolis, RJ: Vozes, 2022 (Coleção Iniciação à Teologia)

SOUZA, Ney de – História da Igreja: Notas introdutórias, Petrópolis, RJ: Vozes, 2020 (Coleção Iniciação à Teologia)

SOUZA, Ney de (Org.) – Vaticano II: história, teologia e desafios, Editora CRV, Curitiba, 2019

BEINOIT, André - A Atualidade dos Pais da Igreja Tradutor: Dirson Glênio Vergara dos Santos São Paulo: Aste, 1966.

INSTRUMENTUM LABORIS - XI Assembleia Geral Ordinária – Sínodo dos Bispos - A Eucaristia: Fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 2005 - Paulinas

TABORDA, Francisco, SJ Sacramentos, práxis e festa, São Paulo: Paulus, 2019 – 5ª ed.

TRESE, Leo John. A Fé Explicada / Leo J. Trese; trad. (Isabel Perez) São Paulo: Quadrante, 1999 – 7ª ed. (p. 298-315) Título original: The Faith Explained.

Links INTERNET

COUTINHO, Sérgio Ricardo. O que foi o Concílio Vaticano II? In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/> . ISSN: 2674-5917. Acesso em: 08 abr. 2023

A Liturgia em Tempos De Francisco. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/a-liturgia-em-tempos-de-francisco/> . Acesso em: 22 abr. 2023

Os limites do motu proprio Traditionis Custodes. Artigo de Massimo Faggioli. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612635-os-limites-do-motu-proprio-traditionis-custodes-artigo-de-massimo-faggioli> . Acesso em: 21 abr. 2023

Traditionis custodes: “Deixo você discernir”, diz Francisco ao abade de Solesmes. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622039-traditionis-custodes-deixo-voce-discernir-diz-francisco-ao-abade-de-solesmes> . Acesso em: 05 abr. 2023

O Papa: a Eucaristia não é o prêmio dos santos, mas o pão dos pecadores. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-angelus-corpus-christi-eucaristia-pao-pecadores-santos.html> . Acesso em: 21 abr. 2023

O Rito Romano e novo Motu Proprio "Traditionis Custodes. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-07/motu-proprio-traditiones-custodes-mons-sampaio-oliveira.html> - Acesso em: 16 abr. 2023

Comentário à Carta Apostólica Desiderio Desideravi. Disponível em: <https://www.asli.com.br/artigos/comentario-a-carta-apostolica-desiderio-desideravi> . Acesso em 21 abr. 2023

O retorno à grande disciplina. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/55312> . Acesso em: 01 abr. 2023

A Santa Missa Tridentina. Disponível em: <https://salvemaria.com.br/a-santa-missa-tridentina/> . Acesso em 21 abr. 2023

O Mistério Eucarístico e o Compromisso Social. Disponível em: <https://www.cnlb.org.br/?p=2170> . Acesso em 01 abr. 2023

O valor da Eucaristia nas palavras do Papa Francisco. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/vaticano/o-valor-da-eucaristia-nas-palavras-do-papa-francisco/> - Acesso em: 16 jul. 2023 – 22h45